

[TT00943]

O Bolsão Maranhense

Miguel Oniga

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

O Bolsão Maranhense

O BOLSÃO MARANHENSE

Miguel Oniza

"Pois é bem disso que se trata, é preciso resistir contra essa degradação da última beleza da terra e da idéia que o homem se faz dos lugares que ele habita."

Romain Gary - As Raízes do C(Palavra ilegível)

Tem SVEN, ANNA e BORIS.

PARTE I

PRIMEIRA PARTE

SVEN: Boris! O mapa!

BORIS: Sim?

SVEN: O mapa.

BORIS: Eu acho que... não, está aqui.

SVEN: Deixe ver.

BORIS: E então?

SVEN: Boris, eu não sei.

BORIS: É por aqui o lugar?

SVEN: Não é isso, Boris. Eu não sei se estou...

BORIS: O que, Sven?

SVEN: Pronto. Preparado. Você entende, Boris?

BORIS: Sven, você sabe que eu não me preocupo.

ANNA: É aqui, sim.

SVEN: Ah.

BORIS: Ótimo.

SVEN: Anna, eu queria te dizer umas coisas.

ANNA: Sim, Sven?

SVEN: Você sabe. Você sabe como é importante.

ANNA: Sim?

SVEN: Anna, eu...

ANNA: Continua.

SVEN: Eu não sei, Anna, como te dizer, te dizer o que... Eu não sei o que falar, Anna. Eu acabei.

BORIS: Regendo. Podemos fazer sentir a música da maneira que eu queria, da maneira que eu sentia. Eu nunca quis dar aulas de direção na auto escola. Eu detestava tudo aquilo. Detestava. Mas eu precisava comer.

SVEN: Era grande. Era realmente grande. A cidade era tudo de diferente, de especial. A maneira das coisas aconteceram. Eu procurava. Eu procurei. Eu tinha certeza. Eu cheguei até aqui. Eu tinha certeza. Eu procurei a minha vida inteira. Vocês imaginam isso? Minha vida inteira?

ANNA: Eu vim com você, Sven.

BORIS: Eu detestava tudo aquilo. Eu me perdia no meio da rua. Eu sempre me perdia no meio da rua. Mas nos dias de concerto eu tinha uma ressaca, me davam uma ressaca, eu usava uma ressaca! Vocês conseguem me ver de ressaca? Eu passava os dias, as noites e o tempo todo esperando. Nada do que eu fazia antes ou depois tinha importância. Nada era de verdade,

O Bolsão Maranhense

a vida não era de verdade. Nada tinha sentido nenhum para mim, e nada me preocupava. Eu era feliz. Eu esperava. Com toda a certeza. Eu esperava o [FALTA PALAVRA] da casaca. Limpa. Limpa, meu deus, sempre limpa. Eu nem conseguia dormir na noite antes, eu não conseguia nem viver. Eu ficava deitado, parado, sem piscar os olhos, e a noite passava [TRECHO ILEGÍVEL] sono me esquecia e não tinha importância, e o tempo passava, e passava, me empurrando cada vez mais depressa para dentro da casaca. Limpa, limpa, limpa. Quando chegava [PALAVRA ILEGÍVEL] eu já não era mais deste mundo. Aí sim! Aí sim! Era como se, como se, ah meu deus, era como se fechasse tudo e uma outra coisa começasse. Num lugar completamente diferente. Eram aquelas casacas limpas tomando conta do mundo todo e [PALAVRA ILEGÍVEL] tudo em volta de mim. E os instrumentos! Os instrumentos! Uma caixa maior que a outra, uma caixa com a forma mais estranha do que a outra. Era a única coisa verdadeira, as casacas e as formas incompreensíveis das caixas. E então, e então era como se tivesse chegado tarde. Como se fosse acontecer alguma coisa, sabe como, vai acontecendo, vai acontecendo, aí você pensa que vem, e que está chegando, de repente passa, acaba, não tem, é como se não fosse ter nada. Mas era só eu! Só eu! Todas as outras casacas continuavam a existir e a se mexer e a trazer caixas, mas eu estava cada vez mais longe delas, era como se eu não fizesse mais parte, era como se a minha casaca estivesse suja, e as outras limpas, e brilhando. Aí a música começava e eu ficava longe, era como se tivessem esquecido, eu procurava o olhar das casacas e tinha vontade de gritar, eu ainda estou aqui, eu ainda estou aqui, pôrra, porque é que vocês não querem olhar para mim, porque é que vocês não querem me prestar atenção. Eu sou humano, eu tenho necessidade de companhia, minha casaca também está limpa, eu também estou aqui junto com vocês, e não adiantava, eu ficava cada vez mais longe e não havia jeito. Era como se a vida me tivesse escapado das mãos por um pouco, por um pouquinho só, eu sabia que eles todos ainda estavam lá, eu sabia que existia a coisa, a música, as pessoas, as casacas limpas, não sei, e eu sabia que eles todos estavam sentindo, mas eu não conseguia, não era para mim, eles estavam escondendo, tirando a minha parte. Mas não era isso, não era culpa deles. Eles simplesmente estavam lá e eu já não estava mais. Eu não entendia, e no entanto eu estivera tão perto, tão perto. Por que? Onde é que eu errei? Eu não conseguia. Eu não conseguia mais. Algum lugar dentro da casaca me roubava de tudo. Tudo o que... Era como se a própria casaca me roubasse de tudo o que eu esperava dela. Tudo o que eu esperava. Eu sentia, eu sentia, eu sabia que era lá. Eu sabia que estava lá. A vida, pôrra, a vida. Mas eu não conseguia entrar. Quando chegava a minha vez, eu batia os pratos com uma raiva, com um desespero tão grande que eu enganava todas as outras casacas, que pensavam então que eu estava lá com elas. Eu batia os pratos como se chamasse de volta tudo o que me haviam tirado, tudo a que eu tinha direito e que tivesse de me ser devolvido. E a minha casaca ficava toda suada. Talvez se eu pudesse reger. Se eu pudesse reger quem sabe? Talvez não escapasse assim. Era tão perto, eu estendia a mão e reger, conseguir, nada. Eu vim com você, Sven. O que é que eu podia fazer? Eu vim com você. Por nada. Por nada. Talvez assim... A vida. Pela vida, pôrra. Eu vim.

SVEN: Eu ainda tento acreditar. É por isso que eu ainda acredito. Tento acreditar. É por isso que eu me recuso a desesperar.

ANNA: Há muito tempo Sven falava nisso. Acho que desde sempre. Sempre uma cidade diferente, uma época perdida. Sempre como alguma coisa muito importante. E alguém chamado Rostogol.

SVEN: E então, Anna, a guerra havia destruído quase tudo. A cidade já não se reconhecia mais. Depois, muito lentamente, iniciou-se o período de reconstrução. Longo. Paciente. Já se tinham perdido há muito tempo os motivos da guerra, ninguém mais sabia porque é que se

tinha lutado tanto, e morrido tanto. Já ninguém mais se lembrava das origens, das raízes. Do nada.

ANNA: Depois venho o tempo dos mapas, da procura definitiva. Encontrar o lugar. Realmente encontrar o lugar. Foram meses e meses, meses e anos. Eu acordava no meio da noite e Sven não estava lá. A luz na mesa do estúdio estava acesa, a mesa estava cheia de livros e mapas e anotações. Ele teria saído para andar um pouco, e de cada vez eu achava que daquela vez ele não voltaria mais, que ele não tinha agüentado, não poderia agüentar mais. Eu preparava sempre um pouco de comida e muito café bem forte, e deixava para ele. Eu tinha tanto sono que nem sabia direito o que estava fazendo. Eu preparava a comida e fazia o café, e ia me deitar. Dentro de mim, muito no fundo, eu tinha a impressão que Sven era feliz.

SVEN: Bolsão Maranhense!

ANNA: O que?

SVEN: Bolsão Maranhense. É no Bolsão Maranhense.

ANNA: Mas o que?

SVEN: O lugar, Anna, o lugar!

ANNA: A cidade?

SVEN: Claro, a cidade!

ANNA: Sven, e agora?

SVEN: Agora ainda há muitas coisas que eu preciso saber, que eu preciso estudar, desenvolver. Mas muito já está feito. Está cada vez mais perto, Anna. Nós iremos lá. Eu te prometo, um dia nós iremos lá.

ANNA: E então, Sven, como vai ser?

SVEN: Você vai ver, Anna, nós iremos lá. Você vai ver. Eu te amo muito, Anna, muito. Você pode dormir tranqüila. Sempre.

SVEN: Eu estava voltando para casa um dia. Eu estava sozinho. Eu vinha descendo as ruas, a pé, olhando para o chão, pensando. Eu estava começando a descobrir coisas, acontecimentos muito importantes sobre a cidade, e não estava muito atento para o que aconteceria em volta de mim, na rua. Então um homem esbarrou em mim, com bastante força, e derrubou meus livros. Era como se tivesse sido de propósito. Então ele se abaixou comigo e me ajudou a recolhê-los. Estávamos agachados no chão, quando nossos olhares se cruzaram, me pareceu que ele estava penetrando no fundo dos meus olhos. Seus lábios sorriram, depois o rosto todo. Então ele disse: "Feliz encontro. O que é que o senhor acha da humanidade?" Quando eu ia dizer alguma coisa me enfiou na boca um pedaço do sanduíche que estava comendo, e nós rimos durante horas, jogávamos os livros para cima, e nos olhávamos, e não conseguíamos parar de rir, no meio daqueles livros todos que caíam em cima de nós, e nós jogávamos para cima, em volta, por todo o lado, e ríamos, ríamos, ríamos. Era Boris.

BORIS: Não é muito diferente este lugar.

SVEN: Diferente de que?

BORIS: Não, eu digo que não tem nada de mais.

SVEN: E o que é que você esperava?

BORIS: Não, eu não esperava nada. Mas a gente sempre imagina.

O Bolsão Maranhense

SVEN: Cobras, ruínas e sinais.

BORIS: É. Sabe como.

ANNA: O que é?

SVEN: Boris não gostou.

BORIS: Não, não é que eu não tenha gostado, é que...

ANNA: Eu sei, Boris. Quer alguma comida?

BORIS: Não, não, eu... Sven, lembra daquela vez em que (riem)

SVEN: E então, Anna, as coisas começaram a se organizar. Tudo começava a fazer sentido de novo. E tudo graças a Aníbal Rostogol. Ele trazia com ele toda uma bagagem de coisas esquecidas, de ilusões que há muito tempo já tinham perdido o sentido. Ele falava e era como se o seu rosto se iluminasse. E todos escutavam, sentindo uma grande calma. Calma. Era isso. Nos seus olhos, nos seus gestos, na sua voz. E era sincero, tudo sincero. Sabe, Anna, ele acreditava. Realmente. Ele acreditava.

BORIS: Eu estudei piano. Eu estudei piano feito uma vaca quando eu era pequeno. Do re mi fa sol la si do si la sol fa mi re do. Era o dia inteiro. Mas meus dedos eram duros, eles pareciam não quererem ir aonde eu queria que eles fossem. Eram lerdos, se cansavam muito rápido. Eu li música muito bem. De primeira, à primeira vista. Mas nunca chegava nas minhas mãos. Eu sabia exatamente o que deveria estar sendo tocado, mas não conseguia tocar. E era aquela ânsia, aquela coisa dentro de mim não conseguindo sair. Eu ia aos acertos, às audições, e ficava ouvindo. E meus dedos não queriam se mexer. É como cerrar os punhos e não ter nada em que bater.

ANNA: Sven tinha começado a ficar muito silencioso. Ele me parecia um pouco atormentado, não me olhava nos olhos, não queria dormir comigo. Eu ficava um pouco preocupada. Não por mim, mas por ele. Eu sentia que ele não estava bem, e eu o conhecia bastante para saber que isso não tinha importância. Mas enquanto estava, era porque devia haver alguma coisa, e isso o fazia sofrer. Eu não podia suportar ver Sven sofrendo. Eu chorava várias vezes, sozinha. Eu passava os dias caindo, e de noite tentada dormir, me sentia um pouco só.

SVEN: Eu me sentia só.

BORIS: Eu me sentia muito só. E às vezes eu saía na rua para procurar. Se lá o que. Eu ia nas praças, nos domingos, e falava que o reino dos céus estava próximo. Eu subia num caixote e falava que o reino dos céus estava próximo. Com toda a convicção. De vez em quando paravam algumas pessoas e ficavam ouvindo um pouco. Chegava a ter sete, oito pessoas me ouvindo. Eu gritava que era tempo de se arrepender, de fazer penitência, de reconhecer o chamado da verdadeira voz, e que o reino dos céus estava próximo. Eu suava muito no pescoço. Algumas pessoas saíam, outras chegavam, algumas ficavam até bastante tempo. Uma vez uma moça me apertou a mão e disse que era muito bonito o que eu estava fazendo, mas que não valia a pena, que ela já havia desistido há muito tempo. Mesmo assim ela voltava, e me ouvia, como para se convencer de que realmente era inútil, que realmente não adiantava, que ela havia desistido de verdade, de uma vez por todas, que já tinha desesperado de uma vez. Depois uma vez ela veio de novo falar comigo e me agradeceu, porque tinha conhecido um rapaz, lá, que também vinha às vezes me escutar e ia se casar com ele e iriam, juntos, fazer propaganda revolucionária. E eu lá me estourando a garganta pelo reino dos céus. Uma vez me aplaudiram. Eu sempre chegava em casa chorando.

BORIS: Sven, eu queria conversar um pouco com você. Eu queria te perguntar umas coisas.

SVEN: Claro, Boris. O que você quiser.

BORIS: Eu... Você está com frio?

SVEN: Não, Boris. Eu estou bem. Não precisa se preocupar comigo.

BORIS: Ah, está bem. Quer que eu pegue um casaco para você?

SVEN: Não, Boris, não precisa. Não se preocupe, Boris. Está tudo bem.

BORIS: Tudo bem... Ah, sim. Que bom, não é? Eu pensei...

SVEN: O que é que há, Boris?

BORIS: Não, eu pensei. Sven.

SVEN: Sim?

BORIS: Você sabe... você sabe como eu gosto de Tchaikovsky, não é?

SVEN: Sei, Boris. Você já me disse.

BORIS: Quando?

SVEN: Não sei, já faz algum tempo. Você me disse uma vez.

BORIS: Ah... mas eu... sabe, eu gosto muito. Muito mesmo.

SVEN: Sim.

BORIS: Sven... você gosta de Tchaikovsky,?

SVEN: Boris, eu conheço muito pouco. Sabe, eu não tinha tempo. Eu nunca tive tempo. Tempo, sabe? Mas o que eu conheço eu acho muito bonito.

BORIS: Ah, você gosta?

SVEN: Gosto. O pouco que eu sei eu gosto muito.

BORIS: Que bom.

SVEN: Mas é muito pouco. É realmente muito pouco.

BORIS: Tanto faz. Não faz mal. Sven, você sabe alguma coisa sobre ele? Sabe, coisas, histórias sobre ele?

SVEN: Não, Boris, eu não sei nada sobre ele.

BORIS: Ah...

SVEN: Nada mesmo.

BORIS: Nem assim, umas coisinhas?

SVEN: Não. Boris. Nada. Desculpe.

BORIS: Que pena. Sabe, Sven...

SVEN: Sim, Boris?

BORIS: Eu queria... Eu queria reger Tchaikovsky. Já imaginou?

SVEN: Eu sei, Boris, eu sei. Eu entendo.

BORIS: Você me entende mesmo, Sven? Sabe? Reger. Assim...

SVEN: Eu entendo mesmo, Boris. De verdade. Eu entendo. Anna, porque é que você está chorando?

O Bolsão Maranhense

SVEN: Anna, está ficando muito difícil. Tem momentos em que eu fico a ponto de desistir, eu fico me perguntando se realmente vale a pena, e... Mas Anna, não há razão para você ficar assim.

ANNA: Não há razão? Sven, eu já não agüento mais, eu já não significo mais nada para você, você não pensa mais em mim, você nem olha mais para mim! Eu entendo como você se sente, eu sei como isso é importante para você, mas chega a um ponto que eu não agüento mais. Eu fico me dizendo, não, eu preciso ser forte, Sven precisa de mim mais do que nunca, eu não posso parecer frágil senão ele não vai agüentar mais, e quando você está aqui eu tento, eu tento me manter forte, confiante, eu tento de dar toda a força e confiança que você precisa e que eu não tenho, e Sven, isso é terrível para mim, eu já não agüento mais ter que fingir, eu não tenho mais força, eu não tenho de onde tirar as coisas que eu preciso de dar, e eu não sei se... Eu também tenho necessidade de chorar, de ser fraca, de desistir. Eu tenho necessidade de companhia, de afeto, de amizade, eu não posso tentar mostrar para você e por você uma coisa que eu não sou, eu já não posso mais. Eu te amo, Sven, eu te amo, eu te amo.

SVEN: Eu sei, Anna, não chore, eu também te amo, Anna, eu te amo muito, você não precisa fingir nunca mais, você não precisa nunca mais ficar assim, agora nós vamos estar sempre juntos, você não vai precisar se preocupar, não vai mais precisar sofrer, nem nada. Eu estou com você, Anna, eu estarei sempre com você, acredite em mim. Acredite em mim. Não chore, Anna, não chore. Eu te amo muito. Muito, muito. Eu te amo, Anna, não chore, eu te amo, eu te amo. Eu amo essa fragilidade que é a única coisa que conta. Eu defendo o direito de errar, de ser inseguro, de não ter certeza. Eu afirmo que a fragilidade é a única coisa que tem realmente importância.

Eu odeio as certezas e os homens que sabem do que estão falando, porque estão mentindo. Eu acolho o que é incerto, o que é dúvida, o que é dúvida, o que é inquietação. Eu acolho o silêncio e o desespero, e toda a miséria de nosso tempo. Eu acolho todas as lágrimas e desprezo todas as doutrinas. Eu escolho a sensibilidade, que é o último núcleo de resistência dentro do que se fez da sociedade dos homens.

BORIS: Durante a semana eu dava aulas de direção na auto escola. Era horrível. Mas eu tinha uma certeza meio esquisita de que um dia ia aparecer na minha frente, numa rua ou numa esquina qualquer perdida por aí, um sinal de trânsito completamente esquisito, diretamente de tudo o que eu tinha visto, e que ia resolver tudo. Eu andava com os olhos abertos o dia inteiro sabendo que mais um dia menos dia aparecer o sinal me dando a direção certa. Mas aí era a direção certa mesmo. Claro que não apareceu nada. Pelo menos durante o tempo em que eu continuei fazendo isso. Hoje eu me arrependo de ter desistido. Talvez se eu tivesse continuando a tentar, hoje fosse muito mais fácil para mim. Aos domingos era o caixote e o reino dos céus. Eu tinha uma vida regular naquele tempo, regrada. Emprego fixo. Segurança, pôrra! Mas aí pouco a pouco começaram a voltar algumas coisas. O que faltava. O piano da minha infância e meus dedos duros. Eu comecei a voltar seriamente para a música. Que idiota.

SVEN: E então, Anna, as coisas começaram a mudar. A mudar radicalmente. Tudo estava no lugar. Tudo começava a ter o seu lugar. As pessoas começavam a dormir à noite, a dormir bem. As pessoas começavam a ficar tranquilas. Era uma época de prosperidade. Tudo ficava mais fácil, as ruas ficavam mais naturais, era mais simples de se andar na rua, de se chegar em casa. De se sentir em casa. A lua nascia de noite, e as manhãs eram bonitas. Não se sentia falta de nada. Era... Não era nada. Era só isso: se sentir em casa. Isso bastava.

ANNA: Os dias ficavam difíceis. Havia filas na rua para tudo. Era preciso sair de casa, era

difícil voltar para casa. O pão estava velho, o leite estava ruim. A gente perdia a vida esperando em filas. Sven passava dias inteiros nos porões das bibliotecas, dentro da poeira e da luz fraca que lhe estragava os olhos. Ele não ouvia os alto falantes nas ruas, não suava no calor do sol. Às vezes ele saía dali e aparecia em casa, de dia, ou de noite, para ele lá dentro não tinha a diferença. Às vezes comia, às vezes dormia, às vezes só sorria para mim e ia embora, e voltava. A cidade se esquecia pelas filas enquanto Sven, lá dentro, tinha a impressão de estar descobrindo pouco a pouco alguma coisa de muito importante.

BORIS: Eu estudei tudo. Piano, violino, violoncelo, harpa, oboé, fagote, contrafagote, saxofone, contrabaixo. Tinha alguma coisa ali no meio que eu buscava e eu não sabia exatamente o que. Uma Sexta feira de tarde eu enfiei o carro da auto escola num poste e descia rua da liberdade pensando o que é que eu ia fazer da minha vida. Então eu passei por uma loja de eletrodomésticos e a vitrola lá estava tocando um comercial de geladeira, ou de não sei o que, e tinha uma música de fundo. Tinha uma música de fundo. Tinha uma música de fundo que era uma coisa que eu nunca tinha visto antes, nunca tinha sentido antes na minha vida. Eu entrei dentro e fui perguntando a todo mundo que música era aquela, mas ninguém sabia, ninguém se interessava, eles só queriam saber da geladeira. A música, a música. Era a coisa mais linda que eu já tinha ouvido na minha vida. Era uma coisa assim, grande. Ninguém se interessava. Eu saí dali um pouco perdido, mas veio uma grande calma. Eu já sabia que existia, só faltava descobrir o que era.

SVEN: Eu era alérgico e poeira, mas nem me lembrava disso.

BORIS: Era Tchaikovsky.

ANNA: Eu não consegui comprar pão, hoje.

SVEN: Pão?

ANNA: A fila estava muito grande, e então começou a me dar sono e eu fiquei com medo de dormir em pé, e cair, e as outras pessoas da fila pisarem em cima de mim e me matarem.

SVEN: Anna, eu estou com tanto sono.

ANNA: Eu fico com saudades de você, Sven. As vezes eu fico pensando uma porção de coisas. Eu fico olhando para as pessoas na rua, e é muito feio, Sven. Eu fico até contente em saber que você não está lá. Eu fico aliviada em saber que você não tem nada com isso.

SVEN: Eu queria acordar bem cedo amanhã, Anna.

ANNA: Eu te amo, Sven.

SVEN: Boa noite, Anna.

BORIS: Eu tomava um pouco de café antes de dormir, ia me deitar, e ficava acordado, pensando. Às vezes (quase sempre) eu me levantava, ia para a janela e ficava olhando a cidade e suas luzes. Eu morava sozinho. Eu sempre vivi sozinho toda a minha vida. A minha vida inteira. O café esfriava na minha mão e ficava ruim. Até bem tarde eu ficava, vendo o movimento das luzes, os sinais acendendo e apagando, a cidade distante. Até hoje é a única idéia de paz e reconforto que eu tenho. Café requentado, frio, e ruim.

ANNA: Precisa de alguma coisa, Boris?

BORIS: Não, Anna. O brigado.

ANNA: Está com sono?

BORIS: Não muito.

O Bolsão Maranhense

ANNA: Posso ficar um pouco aqui?

BORIS: Claro, Anna.

ANNA: Que bom que chegamos, não é?

BORIS: É. Que bom. Bolsão Maranhense.

ANNA: É. Tão longe.

BORIS: É. Tão longe. E Sven?

ANNA: Está dormindo.

BORIS: Ah. É.

ANNA: O que?

BORIS: Nada. Que bom que chegamos.

ANNA: É mesmo. Boa noite, Boris.

BORIS: Boa noite, Anna. É bom saber que ainda existe alguma coisa. Nem que seja só a lembrança dos dedos cariјecidos da minha infância. Eu era feliz.

SVEN: Mas todos sabiam que mais cedo ou mais tarde ele iria voltar. A crise tinha sido das mais terríveis era difícil de se acreditar que a cidade pudesse sobreviver a ela. Desta vez parecia realmente ser o fim. O trabalho recomeçou, lento e paciente, e organizou-se o que viria depois a ser conhecido como o primeiro dos grandes núcleos de resistência. O primeiro núcleo de resistência que foi o que realmente empreendeu o desenvolvimento da tarefa. As soluções vieram, e agia-se dentro da certeza de não se estar obtendo nada de definitivo. Conhece-se apenas o sistema de penalidades. Um sistema que consistia em coordenar o comportamento dos indivíduos, emprestando a cada ação deles um valor, um significado daquilo. Ou seja: a cada ação, a cada movimento correspondia uma penalidade. Ação tal, penalidade tal Dizia-se a ação e, em seguida, a penalidade correspondente a esta ação. Cada ação tinha, assim, uma razão de ser, e isso tinha como fim desenvolver a consciência dos indivíduos, ensinando-lhes o valor de sua própria existência e a importância de cada uma de suas ações. Essa foi a época do primeiro núcleo de resistência. Uma época negra e sombria, em que nem o sangue tinha sua verdadeira cor, em que as trevas e a insegurança se encontrava em toda a parte, em que os olhos, como as fontes, secavam as suas lágrimas. Falava-se em toda a parte o nome de Aníbal Rostogol. Todos sabiam que mais cedo ou mais tarde ele iria voltar.

ANNA: Eu olhava para o céu. Sem nada. Sem mais nada. Eu só olhava para o céu. Eu não sabia se era noite, eu não conhecia mais os dias. Eu já tinha perdido a conta há muito tempo. O mundo podia continuar sem mim, o tempo podia continuar sem mim, nem a própria vida ia sentir falta de mim. Eu olhava para o lado e estava só. De qualquer lado eu estava só. Eu me sentia muito só. Eu me sentia muito só.

BORIS: Sven! O mapa!

SVEN: Aqui.

BORIS: Você acha?

SVEN: Não. Ainda não. Mas estamos muito perto.

BORIS: Vamos descansar um pouco?

SVEN: Não sei. Você quer?

BORIS: Não sei. Acho que não. Para mim tanto faz.

SVEN: Vamos continuar?

BORIS: Vamos. Vamos continuar.

PARTE II

SEGUNDA PARTE

BORIS: Eu queria ter um filho. Eu comecei a andar atrás de orquestras. Eu sabia que dentro daquilo, muito no fundo, eu poderia encontrar alguma coisa. Eu ia aos concertos mais cedo, e ficava perto da entrada dos músicos, e via eles chegando. Tão calmos, tão compenetrados. Eu ficava parado, olhando para eles. Eu nem pensava em me aproximar, em conversar com eles. Não era isso. Depois chegava a hora de começar, e eu não entrava. Eu ficava sentado ao lado da porta de entrada dos músicos, e ficava ouvindo o pouco que se podia ouvir dali. Eu me perdia ali o concerto todo, com o ouvido colado na porta. Quando terminava, eu me afastava um pouco e esperava vê-los sair. Eles vinham, um por um, de dois em dois, em pequenos grupos. Com a mesma cara. Com a mesma compenetração. Raramente conversavam. Raramente tinham o que se dizer. Eram homens que dividiam o mesmo mundo. E eu parado, quieto, olhando para eles. E eles se dispersavam, alguns poucos se cumprimentavam, se despediam, e se desvaneciam todos por entre as ruas, dentro da noite. Mais tarde o porteiro saía, fechava a porta e olhava para mim. Eu sorria e ia para casa. As noites eram muito frias, naquele tempo. Eu queria tanto Ter um filho.

ANNA: Sven estava envelhecendo. Eu via isso nos seus olhos, nos traços de seu rosto. Ele passava mal as noites e às vezes, de madrugada, eu o sentia chorando ao meu lado. Era a estação das chuvas, e Sven passou a sair muito pouco de casa. Eu continuava fazendo o que tinha que fazer e ele estaria lá, parado, ao lado da janela, ou deitado na cama, ou sentado, quieto, ouvindo a chuva. O céu não tinha nenhuma cor definida, só havia o som e o ritmo da chuva. Na rua, as pessoas andavam embrulhadas em seus capotes e sobretudos, os guarda-chuvas viravam pelo avesso, as mãos ficavam nos bolsos, os queixos grudados no peito, paralisados pelas golas dos casacos. Não se viam, nas ruas, os olhos das pessoas.

SVEN: Dormi muito bem, esta noite. Fiquei parado, olhando para o teto e imaginando o céu. Não sonhei. Era como se estivesse tudo calmo, tudo em ordem. Pena que mais tarde tivesse de acordar.

ANNA: Não se podiam ver os olhos das pessoas. Os fins das tardes eram sempre calmos, o vento nas ruas eram simples, e os homens voltavam para casa. Eu aí por entre eles, observando-os, estranhas figuras que se movimentavam. A chuva não parava, lavando a cidade, as ruas se seguiam umas às outras e seguindo-as, eu voltava para casa, para Sven que observava a chuva como se ela fizesse parte de algum plano que ele conhecia e eu não. Eu entrava em casa e ele me olhava vagamente, como se estivesse longe dali, os traços de seu rosto se aportavam, seus olhos ganhavam um brilho diferente, e seu rosto me deixava e voltava a olhar a chuva. Eu olhava o seu rosto. Esta [PALAVRA ILEGÍVEL] Sven estava envelhecendo. Uma vez eu voltei para casa e Sven não estava. Eu esperei a noite inteira e o dia seguinte e ele só voltou à noite, bem tarde. Estava todo molhado, ardendo em febre e delirando. Eu o ajudei a se deitar e ele ficou na cama quase uma semana. Durante esse tempo todo eu cuidei dele. Quando ele pôde se levantar as chuvas já haviam parado, e então ele voltou aos subsolos das bibliotecas. E mais do que nunca, julgava estar encontrando debaixo da terra pedaços de alguma coisa que há muito tempo já tinha sido esquecida.

BORIS: Mas onde é isso, Sven?

SVEN: Eu fiz um mapa. É aqui. É mais ou menos nessa região.

BORIS: Você tem certeza?

SVEN: Boris, eu procuro isso há muito tempo.

BORIS: E você quer que eu vá com você.

SVEN: Sim.

BORIS: Por que?

SVEN: Porque eu pensei que talvez você quisesse.

BORIS: Mas por que?

SVEN: Não sei, Boris, que coisa!

BORIS: Isso é muito importante para você, não é?

SVEN: Você ir comigo?

BORIS: Não, o fato de ir. Talvez eu ir também.

SVEN: Você sabe o que é. Você vem?

BORIS: Você sabe que eu vou, Sven. Mas eu não sei porque. É como desta vez eu sentisse que realmente estou partindo para alguma coisa. Você entende? Realmente.

SVEN: Eu sei, Boris. É exatamente isso que eu sinto. É exatamente isso que eu procuro sentir, há muito tempo... E... E o que? Não sei.

BORIS: Não faz mal, Sven. Nós vamos ver. Bolsão Maranhense...

SVEN: É. Engraçado, não é?

BORIS: Você acha?

SVEN: Acho. Não sei.

BORIS: Sven, eu estou começando a ver isso como uma coisa muito importante.

SVEN: Para quem?

BORIS: Para nós. Para mim. Não sei. Importante, sabe? Importante.

SVEN: Sei, Boris. Eu entendo.

BORIS: Entende mesmo, Sven? Que bom. Quando é que vamos?

SVEN: Logo. O mais cedo possível.

SVEN: Eu tive medo. Depois de descobrir o lugar. Depois de saber, de ter certeza de que só podia ser, de que era no Bolsão Maranhense, eu tive medo. Eu pensei, e agora? Isso já vinha há realmente muito tempo. Toda a procura, as bibliotecas, tudo. Era uma coisa que eu vinha procurando e acreditando a minha vida inteira, e que de repente aparecia lá, na minha frente, tão perto. Bolsão Maranhense. Estava lá, existia, era aquele o lugar. Era o lugar, não era mais uma certeza, uma esperança. Era caso só de [PALAVRA ILEGÍVEL] juntar todos os pedaços e trapos de vida e levar para esse [PALAVRA ILEGÍVEL] pudessem sobreviver ou ganhar um sentido. Então eu tive medo. Estava tudo pronto. Eu tive medo porque estava tudo pronto. Eu saí da biblioteca. Estava chovendo e havia uma grande confusão na rua. Eu tive a impressão de já ter percebido alguma coisa assim antes, mas não me lembrava. Havia muita gente, e estava chovendo e ninguém parecia saber muito bem aonde ia. Era como se até não fizesse diferença. Eu não conhecia aquelas pessoas todas, eu não conseguia ver ninguém. Andava todos muito rápido e se protegiam da chuva escondendo o rosto nos casacos. Eu não lhes podia ver o rosto. Talvez eles estivessem vindo para onde andavam, e por isso desse aquela confusão toda. Esbarravam uns nos outros e continuavam. Nem percebiam que haviam

O Bolsão Maranhense

alguém mais além deles, além de cada um deles que se julgavam sozinhos como provavelmente se sentiram por toda a sua vida, e de nada lhes adiantava a multidão e os esbarrões. As ruas me pareciam meio inúteis,. Mas eu não tinha nada com isso, não era uma coisa que me preocupava. Achei minhas ruas por entre a chuva e as pessoas e voltei para casa. Em casa, longe de tudo, me veio medo, e eu esqueci mais uma vez da rua e das pessoas. Não chorei. Anna estava inquieta, mas não havia nada que eu pudesse dizer, ou fazer. Eu a amava muito. Há um limite até para a solidão. Eu estava há tanto tempo perdido nessa procura, sozinho, que comecei a ter medo de ter perdido o ponto de partida, de já não saber mais porque estava fazendo tudo aquilo, medo daquilo já ter perdido completamente o sentido e de eu ter continuado por puro hábito, por não haver mais nenhuma coisa a fazer, ou por desespero. É uma responsabilidade quase insustentável passar a vida procurando uma coisa e encontrá-la. Agora que eu tinha encontrado o que eu procurava, eu tinha medo de me perder, e de não me encontrar nunca mais, porque eu tinha perdido aquilo que eu procurava. Era o fim. Não havia mais nada a fazer. Só começar. E isso requeria toda a coragem e determinação que eu havia perdido, e que precisava recuperar, e que eu procurei uma semana inteira na chuva da janela, na cama e na solidão. Eu sentia que Anna não estava bem, mas estava muito longe para que pudesse realmente me ocupar dela. Eu sabia que ela estava assim por mim, o que me fazia me sentir ainda mais só. Eu me sentia muito só. Uma tarde eu estava sozinho, Anna ainda não havia chegado, e eu não agüentei mais. Eu saí e fui procurar a humanidade. Eu fui procurar os homens. Andei pela rua a noite inteira e o dia seguinte, e não encontrei nada. Eu chapinhei e espirrei pela cidade inteira, eu fazia mais parte da chuva do que dos homens. À noite eu voltei para casa sem ter encontrado nada. Eu estava muito doente, e tinha medo de morrer, porque agora eu já tinha certeza. A única coisa que eu podia fazer era ir para o tal lugar, viajar, procurar a cidade. Procurar Aníbal Rostogol. Ainda havia muita coisa que eu precisava saber. Muita coisa importante. Mas eu ia descobrir. Eu voltei ao trabalho.

BORIS: Eu tinha seis anos e nunca tinha visto o campo. Eu nasci na cidade, no fundo de uma cidade, e não conhecia nada. Um dia - eu tinha seis anos [PALAVRA ILEGÍVEL] alguém, talvez meu pai, me levou para o campo e me mostrou um cara dizendo: desta árvore nascem as cerejas, e eu disse, mentira, [PALAVRA ILEGÍVEL] sei, se compra na feira. Eu vivia na cidade, e me sentia muito só.

ANNA: Às vezes eu tinha a impressão de que as coisas estavam mudando, mas eu não saberia dizer exatamente o que. Eu me sentia mal na rua, e tinha medo de não compreender. Mas eu via bastante claro. É sempre triste o fim de alguma coisa. De qualquer coisa.

BORIS: Mas como começou, Sven?

SVEN: Há tanto tempo, Boris. Esquisito como é diferente quando a gente se lembra. Quer dizer, as coisas que a gente lembra ganham um sentido totalmente diferente do que elas tinham quando aconteceram, por exemplo. É como se fosse outra pessoa, e no entanto era eu. Era sempre eu. Eu vivia de uma maneira muito irregular naqueles dias. Eu amarrava pedaços de barbante nos dedos, não para me lembrar de fazer determinadas coisas, mas com a esperança de que quando olhasse para eles me viesse uma idéia de qualquer coisa que eu pudesse fazer, ou realizar, alguma coisa que valesse a pena não esquecer. Meus dedos já estavam todos roxos e eu não encontrava nada. As cidades pareciam não ter gente nelas, os relógios me pareciam inúteis. Um dia, um Domingo à tarde, eu fui à missa para olhar as pessoas, que estavam todas sozinhas. Saí dali e entrei por umas ruas que eu não conhecia. Eu me lembro de uma velha numa janela, regando um vaso de flores murchas, que me sorriu. Passando por um edifício de três andares, ouvi que me chamavam. Não pelo nome, mas me chamavam. Era do segundo andar, e me pediram para subir. Era um homem já meio calvo, de

óculos redondos, cara estranha e com uma camisa branca com os primeiros botões desabotoados. Seu peito era coberto de pêlos. Entrei na casa, e era tudo muito sujo. Não havia luz no vestíbulo, provavelmente porque não deveriam ter pago a conta. Havia um forte cheiro de urina e de papéis velhos. As paredes todas tinham infiltração de água, e estavam todas manchadas. O lugar era, ou me pareceu na ocasião, muito frio. Subi um lance de escadas e ouvia, muito baixinho, um piano tocando, mas deveria ser apenas um rádio. Eu em sentia muito calmo. Havia três ou quatro portas e uma delas, a da janela de onde tinham me chamado, estava aberta. Era apenas um aposento, e não tinha móveis. O homem ainda estava ao lado da janela, usava calças muito largas e chinelos de pano. Encostada na parede lateral, à direita da janela, estava uma moça, sentada num banquinho. Era muito magra, com cabelos pretos e lisos, que caíam até o peito. Usava um vestido preto curto, sapatos pretos, e meias colantes vermelho escuras, que lhe iam muito mal com o pequeno casaco marrom que usava para proteger-lhe do frio. Usava uns óculos escuros, tinha o olhar parado e uma xícara na mão. No meio do aposento havia um pequeno fogareiro de álcool, aceso, com um bule meio cansado, como se a culpa de tudo fosse dele. O piano continuava, distante. Então o homem me disse: "Você pode estar achando isso muito engraçado, mas pode ter certeza que não é. Eu sei o que estou lhe dizendo." Percebi então que estava sorrindo. "Ou o senhor acha que eu não tenho autoridade no meu lar?" ele continua. "O senhor acha que sabe alguma coisa sobre a solidão?" Pois fique sabendo que eu posso ensinar-lhe tudo, tudo que você possa imaginar sobre a solidão eu conheço. Esta " -e apontou a mão- "não é minha filha. Eu sempre vivi sozinho. Eu passei a vida inteira sozinho. Eu a detesto. Eu a detesto. "Com movimentos muitos rápidos, ele se abaixou, pegou uma xícara que estava perto de seu pé, e encheu-a do bule. Era café, e ele me deu. "Prove.", disse, e diga o que acha." Provei. Estava horrível. Eu disse. "Está bom. Está muito bom." Ele me olhou longamente nos olhos, e depois, lentamente, começando dos olhos, começou a rir. E não conseguia parar de rir, dizendo: "Eu sabia, eu sabia." As lágrimas desciam pelo seu rosto e ele ria, ele continuava a rir. "Eu sabia", dizia ele, chorando. A moça nem se havia mexido. De repente ele se parou, me olhou novamente, me segurou pelo braço, e abriu a porta que havia na parede oposta à moça. Era um aposento que parecia ter o mesmo tamanho daquele, mas estava cheio de papéis, livros, arquivos, e poeira, espalhados pelo chão, em pilhas. Espirrei. Pude ver dois ou três ratos que se esconderam. Não entendi muito bem, mas de repente percebi algumas folhas de papel no chão, embaixo de uma pilha. Não era em nada diferente de todos os outros papéis que havia na sala, mas eu abaixei e com muito cuidado para não rasgá-las, tirei as folhas debaixo da confusão e da poeira. Eu podia ouvir, atrás de mim, a respiração do homem. Eram duas folhas escritas, amareladas, e em cima da primeira havia um título - A volta do Aníbal Rostogol. Então alguma coisa me veio, e me envolveu. Não sei o que, nem como, era como a lembrança de milhões de coisas que eu mesmo talvez tivesse vivido, a impressão de já conhecer aquilo, de já conhecer o mundo inteiro, de terem valido a pena, afinal, todos os meus dedos roxos. Me sentei no chão, calmamente, e comecei a ler. Não era nada. Falava da cidade, e de Aníbal Rostogol. Era a minha vida inteira. Acabei e me virei para trás. O homem estava ajoelhado no chão, com a cabeça no colo da moça, e chorava. A moça nem se mexia, e ainda tinha a xícara na mão. Eu queria dizer alguma coisa, quis perguntar, pedir, não sei. Olhei para eles. Já era quase noite e a sala estava alumada pela pouca luz que ainda entrava pela janela e pela chama do fogareiro de álcool. Saí, levando as folhas. Descendo a rua, tive a impressão de que o homem me chamava. Olhei para trás, mas não havia ninguém na janela. Eu estava só.

BORIS: Você não precisou mais dos barbantes.

SVEN: É. Não precisei.

O Bolsão Maranhense

BORIS: E depois?

SVEN: Depois não havia outro jeito. Eu tinha de descobrir o resto, o porque, quem era, aonde.

BORIS: Aonde.

SVEN: É. Aquele texto me dizia muito pouco. Eu procurei, procurei.

BORIS: E estamos aqui.

BORIS: Está satisfeito, Sven?

SVEN: Foi muito tempo, Boris. Foi muito tempo.

BORIS: Sven, você sabe que eu fico muito contente por você ter conseguido, nós termos conseguido, conseguido, não sei, chegar aqui?

SVEN: Sabe, Boris, às vezes eu sonho com ele.

BORIS: Ele?

SVEN: Sim, aquele homem. É sempre o mesmo sonho. Ele está sempre naquela janela onde eu o vi pela primeira vez e onde não estava quando eu me volvei para olhar. Ele está sempre lá. Olhando para mim, e depois começa a gritar, um misto de riso e de choro, não sei. Talvez de desespero. E ele grita: "A minha vida inteira, a minha vida inteira." Eu sempre acordo um pouco confuso, perturbado. É tão tocante isso, não é? "A minha vida inteira, a minha vida inteira." Aquele homem gritando do fundo da condição humana, do fundo de toda a sua solidão. "A minha vida inteira, a minha vida inteira", olhando para mim. Às vezes me dá a impressão de que eu o conheço muito bem? Mas eu não consigo me lembrar exatamente de onde. Como se ele fizesse parte de alguma coisa. Mas eu nunca consigo me lembrar exatamente de que. Alguma coisa esquecida há muito tempo, mas que talvez um dia volte. Como Aníbal Rostogol.

BORIS: Eu me perdia por entre as salas e os corredores das salas de concerto. Eu conhecia as coxias e os bastidores de todos os lugares de música. Por entre restos de cenários e partituras rasgadas eu encontrava pedaços de vida, tentava encontrar os pedaços da minha vida. Eu me enfiava por debaixo dos palcos, pelas cordas e pelas armações. Os corredores terminavam e começavam de novo e eu me perdia dentro daquele mundo. Eu andava na minha casa. Eu ficava dando voltas dentro da minha casa o dia inteiro imaginando que estava em algum teatro imenso e que bastaria entrar por entre as cordas e os lugares certos para no fim abrir uma porta ou descer uma escada ou sei lá o que e encontrar tudo. Encontrar aqueles homens de casacas limpas, encontrar aquele mundo de reflexos de metal, encontrar aqueles homens que viviam a única coisa que eu conhecia que ainda poderia ser a verdadeira vida. Eu imaginava dentro da minha casa encontrar uma porta, uma escada, uma cortina, um pano que me levasse a encontrar... a encontrar, a encontrar a orquestra!

BORIS: Está cansada, Anna?

ANNA: Um pouco, sim. Mas estou bem.

BORIS: Ah. Ótimo. Você acha que estamos indo depressa demais.

ANNA: Não, não. você acha?

BORIS: Não, é que eu pensei que talvez você...

ANNA: Não precisa se preocupar comigo, Boris.

BORIS: Eu sei, mas eu sempre fico.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

ANNA: Não precisa mesmo, Boris.

BORIS: Está bem, Anna. Eu acredito. Eu me sinto bem com vocês. Em estar com vocês aqui, de ter chegado até aqui. De termos chegado até aqui. você acha que ainda falta muito?

ANNA: Não sei. Mas ainda deve faltar um pouco. Você viu o mapa!

BORIS: Vi. Mas eu não entendi muito bem.

SVEN: Devemos estar muito perto.

BORIS: É. É o que eu sinto também.

SVEN: Está cansada?

BORIS: Ah, Sven. Estávamos imaginando se ainda falta muito.

SVEN: Não muito, acho. Não podemos estar muito longe.

BORIS: Amanhã bem cedo, então.

SVEN: O bastante para Anna descansar.

ANNA: Não, eu não estou cansada. Amanhã bem cedo.

SVEN: Está bem, então. Eu tenho a impressão que vou dormir muito bem.

BORIS: Sim. Boa noite. Acordo vocês?

SVEN: Se precisar. Boa noite.

ANNA: Boa noite, Boris.

BORIS: Boa noite.

SVEN: O que é estranho, Anna, é tentar compreender uma coisa, um processo, do qual você nunca fez parte. Por momentos aparece totalmente incompreensível, inexplicável, sem saída, enquanto que por outros a coisa se torna tão clara que eu me pergunto como é que eles podem não ter percebido imediatamente do que se tratava, e porque não tomaram logo as medidas necessárias para impedir uma frase, superá-la, ou pelo menos reduzir a sua duração. Havia crises internas de uma natureza tal que eu não consigo entender como Aníbal Rostogol permitiu que tomassem a direção que tomaram, enquanto em outras ocasiões ele me surpreende pela sua presteza, pela sua maneira de perceber as coisas no próprio momento em que elas se apresentam, sua capacidade de conseguir o afastamento necessário para resolvê-las de uma maneira imprevisível, sempre tocando o âmago mesmo da questão. Das outras vezes, quando coisas pequenas ganhavam dimensões absurdas, era como se realmente ele não se interessasse. Ou não fosse realmente importante. Talvez haja muitas coisas que eu ainda esteja por descobrir, e que me levem a ter uma visão mais clara de tudo e principalmente das atitudes de Aníbal Rostogol. Dos seus valores. Do seu sistema de referência. Do que realmente contava para ele.

ANNA: Sven, Boris esteve aqui hoje.

SVEN: Ah?

ANNA: É, ele disse que estava andando pela rua e que de repente começou a sentir um cansaço muito grande, e que já não estava agüentando mais andar, colocar um pé na frente do outro, você sabe como ele fala, e que conseguia encontrar a rua certa e veio até aqui. Recarregar as baterias, ele diz.

SVEN: O que é que ele queria?

O Bolsão Maranhense

ANNA: Nada de especial. Só isso. Recarregar as baterias.

SVEN: Ficou muito tempo? Não quis me esperar?

ANNA: Não, não. Ele só entrou, sentou um pouco, aceitou o copo de água que eu lhe dei. Bebeu muito devagar, como se bebesse pela primeira vez. E me deu o copo, agradeceu, se levantou e foi até a janela. Ficou ali um pouco, depois me olhou, sorriu para mim e foi embora.

SVEN: Pena. Eu tinha vontade de falar com ele. Ele volta?

ANNA: Não sei, Sven. Você sabe como ele é.

SVEN: Eu acho que vou procurá-lo. Mas ele é tão difícil de encontrar. Tem algum concerto hoje, ou amanhã? você sabe. Tchaikovsky.

ANNA: Como vão as pesquisas, Sven?

SVEN: Mal. Eu cheguei num ponto muito esquisito. Tudo encalhou. Sabe? Quando eu encontro uma referência a alguma coisa, essa alguma coisa eu já conheço. Então está tudo num círculo. Eu levo a coisa num certo rumo para encontrar uma outra coisa que eu já conhecia há muito tempo, alguma coisa que eu já tinha estudado e que me levou a aquilo que eu estava estudando agora. Mas não sei daquilo tudo que eu tenho ali. Para qualquer lado que eu encaminhei a pesquisa, qualquer direção que eu tome, quaisquer dados que eu aprofunde me levam sempre a alguma outra coisa que eu já tenho. Sabe? Está sem saída. Eu estou sem saída nenhuma dentro da coisa. Precisa aparecer alguma coisa nova. Algum dado novo que me encaminhe tudo numa direção diferente, por onde eu possa continuar e chegar sempre a outras coisas, a coisas novas, que é como eu tenho feito, como tem acontecido até agora. De repente encalhou. Não está saindo daquilo, não está aparecendo nada novo. Por mais que eu tente, por melhor que eu faça, não aparece mais nada. Talvez eu deva procurar em outras bibliotecas, em outros lugares, não sei. Ou talvez eu deva procurar mais em mim, para aprender a procurar dentro daquilo que eu tenho as coisas certas, as que realmente levam a algo novo. A algo realmente novo. Talvez eu deva procurar mais em mim, para entender e aproveitar melhor aquilo tudo. Eu preciso procurar mais em mim, é a única maneira de conseguir encontrar o que falta para que eu possa continuar, e trabalhar de uma maneira produtiva, como antes, e descobrir alguma coisa de realmente importante. É tão difícil, Anna, eu me sinto tão cansado, começo a misturar tudo, é sempre a mesma coisa, parece que não está adiantando nada, está tudo parado, confuso. Sabe? Encalhado. Sem Saída.

ANNA: Descanse um pouco, Sven. Espere um pouco.

SVEN: Você entende o que eu digo?

ANNA: Entendo, Sven. Entendo mesmo.

SVEN: Você se incomoda se eu for me deitar agora?

ANNA: Claro que não, Sven. Eu vou daqui a pouco.

SVEN: Boa noite, Anna.

ANNA: Boa noite, Sven.

SVEN: Anna. Eu te amo.

ANNA: Eu também.

BORIS: Mas isso não ia ficar assim não. Eu também não ia me entregar assim, fácil. De passar o dia inteiro na rua, procurando, sem saber, andando por aí feito um tatu. Também não

era assim não, eu tinha que tomar uma atitude. Eu ia tomar uma atitude, mas não tinha a mínima idéia do que fazer. Eu hei de ficar cansado na rua. Eu ia com um pé na frente do outro e não chegava em nenhum lugar que prestasse. Eu ainda ai desistir e ficar parado logo de uma vez. Às vezes eu me sentia tão cansado que era essa a vontade. Parar. Se deixar ficar, cair no chão e dane-se. Mas eu sabia que nunca ia fazer isso, que nunca ia conseguir fazer isso. Numa Segunda-feira à tardinha eu estava quase deitando então eu pensei, não, não é nada disso. Me arrastei até a casa de Sven que assim também já era demais. Anna estava sozinha. Não sei quanto tempo eu fiquei, nem o que fiz, mas Anna não deve ter entendido nada. Era o único lugar onde eu podia, podia recarregar as baterias. É isso. Saí dali, respirei fundo, olhei para a rua e falei é hoje. As ruas que se danassem. Eu comprei uma casaca.

Depois eu fui para a sala de concertos onde eu sabia que a orquestra sinfônica ensaiava e entrei em plena Sinfonia Patética do Tchaikovsky, de casaca, cheguei para o maestro lá que estava regendo o ensaio e disse eu quero tocar nesse negócio aí. Eu estudei qualquer desses instrumentos aí por mais de quinze anos e agora chega. Agora eu vou querer tocar. Mas vou mesmo. Hoje eu já tenho essa casaca e não me falta mais nada. O que é que o senhor quer que eu toque. Me bota uma partitura na frente que eu decifro na hora. No ato. Qualquer uma dessas coisas aí eu estou tocando. E a Sinfonia Patética se o senhor quiser eu ainda sou capaz de reger. Me empresta esse bastãozinho aí para o senhor ver! Tchaikovsky eu entendo, de Tchaikovsky eu entendo! Nem que seja, mesmo que a única coisa que eu ainda tenha na minha vida. Mas essa eu tenho. Essa eu ainda tenho. Tchaikovsky eu tenho! O maestro ficou olhando para mim, depois tirou os óculos, me olhou, disse tira essa cara ridícula, apertou minha mão, riu, e me convidou a tocar com eles. Eu chorei, e a orquestra toda me aplaudiu. Mas meus dedos não tinham mudado nada. Meus dedos não tinham mudado nada. Eu fiquei, apesar de tudo, eu fiquei. Lá atrás, no fundo, escondido, tocando os prantos, mas eu fiquei. Agora que eu tinha conseguido eu não ia largar. Isso eu não ia largar, nunca, de jeito nenhum. Era tudo que eu tinha, e a isso eu ia me segurar de qualquer jeito. Um dia meus dedos voltariam. Era a única coisa que eu ainda podia acreditar. Eu passava o tempo todo parado lá atrás, imaginando como é que ia ser quando meus dedos voltassem. Aí eu ia poder realmente mostrar para eles. Tchaikovsky. Aí é que eles iriam realmente ver o que era Tchaikovsky. Eu ia reger. Eu ia. Um dia eu ia reger. E eu batia os pratos. E eu batia os pratos. E eu batia os pratos. Um dia eu ia reger. Eu batia os pratos.

ANNA: Eu acordei e eles estavam conversando. Eu fiquei olhando um momento para eles depois sorri e voltei a dormir. Eu em sentia muito bem. Eu sentia que estávamos quase chegando.

SVEN: E então, Anna, ele voltou. E foi talvez a coisa mais importante dentro de tudo o que eles já tinham passado. Aníbal Rostogol estava de volta, só veio todo o resto. Disso apareceu tudo o que valeu a pena ser e registrando, e que acabou me levando a essa busca toda. As coisas começaram então realmente a mudar. A cidade andava triste naqueles dias, os homens das ruas não estavam bem. Era ainda a época do primeiro núcleo de resistência e dos sistema de penalidades, que já estava inteiramente estabelecido, e nada parecia se mexer, ou que iria se mexer dentro do estado geral de aceitação, de indiferença, de falta de motivação. Até a volta de Aníbal Rostogol. Não havia nada na cidade que desse alguma resposta a tudo o que ele tinha aprendido, a tudo para que ele havia voltado. Ele começou então, lentamente, a mostrar aos homens e à cidade tudo o que havia aprendido no próprio corpo, no próprio sangue. E começaram todos, pouco a pouco, a aprender. A compreender a importância de tudo o que ele trazia, a aprender a profundidade de todas as suas feridas e a imaginar a mudança de todo um sistema, uma revisão de todos os valores, a procura de um novo sistema de

O Bolsão Maranhense

referências. Era um momento claro em que se compreendeu a necessidade do surgimento de uma nova etapa, o momento da passagem para um outro nível dentro do desenvolvimento do processo, provocado pela volta de Aníbal Rostogol. Surge então um novo conceito, pelo que eu pude descobrir, o primeiro instituído por Aníbal Rostogol: a Penalidade Zero, ou seja, a negação de todos os princípios básicos do sistema de penalidades, forçando-se a partir daí a estruturação de todo um sistema de pensamento. As coisas começaram realmente a mudar, Anna, e tudo graças a Aníbal Rostogol. Nesse tempo de mudança, ebulição, movimento, apareceu a primeira manifestação de uma outra crise, o princípio de um período que ficou conhecido como a época dos grandes ataques. Justamente, enquanto se tentavam realizar tudo o que Aníbal Rostogol trouxera com ele, veio o primeiro dos grandes ataques, que interrompeu o desenvolvimento do processo que a cidade estava atravessando. Era urgente tomarem-se as medidas necessárias para fazer frente a essa nova crise, e então Aníbal Rostogol, com apoio de todos os que quisessem ajudá-lo eram aceitos. Muitos acorreram, e a cidade foi abrigada dos primeiros ataques, graças unicamente ao segundo núcleo de resistência. Depois se tornaram normalmente o dias, o tempo continuou a passar, a cidade ia entrando numa certa ordem, numa nova ordem. Ainda havia muito por ser feito, mas as promessas eram grandes: a cidade acreditava que apesar de tudo, ainda conseguiria manter uma certa harmonia. Todo o resto seria consequência.

ANNA: Eu me sentia muito só. Havia ocasiões em que me sentia um pouco perdido. Eu ficava parada horas em casa sem pensar em nada. Às vezes tentando lembrar de uma palavra que eu já não sabia mais nem porque é que eu queria lembrar. Não sentia nada de especial. Não estava nem esperando. Eu era bem mais nova então. Era um consolo saber que eu tinha Sven.

SVEN: Só ficamos nós três. Não que tivesse mais ninguém, mas o sentimento que eu tenho é como se só tivéssemos ficando nós três. Anna, Boris, e eu. Os dias estavam ficando tristes, e as noites eram cada vez mais escuras.

ANNA: Eu voltava muito tarde da rua. Era cada vez mais difícil encontrar comida. Eu estava começando a ficar preocupada. Eu sempre procurava ajeitar de uma maneira que não nos faltasse nada. Mas até isso já estava ficando quase impossível. Sven comia cada vez menos, e eu não sabia onde poderia encontrá-lo. Não sei bem para que. Talvez levar um prato de comida para ele, ou conversar um pouco. Eu estava precisando intensamente de alguma coisa.

BORIS: O que é que o senhor acha da humanidade?

SVEN: Olha, na minha opinião...

ANNA: Sven me disse que era muito importante se nós conseguíssemos chegar no Bolsão Maranhense. Eu não entendia bem o porque, mas eu acreditava nele. Eu andava um pouco triste naquela época. Sven passava os dias nas bibliotecas, e eu me sentia muito só.

BORIS: Eu estava começando a ficar realmente enjoado. Eu já não estava agüentando mais. Eu ia encontrar alguma coisa diferente de qualquer jeito. Eu comecei a andar atrás das pessoas. Eu vendia apólices de seguro, eu queria descobrir do que exatamente as pessoas tinham medo. Você ganha um conhecimento bastante íntimo na humanidade vendendo apólices de seguro. As pessoas me olhavam nos olhos. Nos olhos, como se eu fosse uma espécie qualquer de salvador ou de Cristo ou de alguma coisa no gênero. Um homem que vende apólices de seguro é alguém em que se pode confiar. É uma coisa que as toca lá no fundo. Como se a morte fosse a única coisa que tivesse importância na vida delas. As pessoas não sabem mais em que é que vão acreditar. Estão todas muito perdidas. Os homens sentem uma grande insegurança desde que não acreditem em mais nada.

SVEN: Anna, eu queria te dizer umas coisas.

ANNA: Sim, Sven?

SVEN: Eu acho que vai mudar.

ANNA: O que, Sven?

SVEN: Não sei. Não sei bem. Mas eu sinto que alguma coisa está ficando diferente.

ANNA: Aníbal Rostogol?

SVEN: Ou eu.

ANNA: Sven. Você quer ir para o Bolsão Maranhense.

SVEN: Quero. Procurar encontrar...

ANNA: Nós vamos, Sven.

SVEN: Ótimo. Anna. Eu vou falar com Boris.

ANNA: Está bem, Sven. O que você quiser.

SVEN: Até que enfim.

PARTE III

TERCEIRA PARTE

BORIS: Eu nunca ia reger. Eu sabia que eu nunca ia conseguir reger. E no entanto eu queria. Eu queria tanto. Eu já tinha chegado. Eu nunca ia conseguir mais do que aquilo. E no entanto eu sabia que existia mais, que estava lá, mas que não era para mim. Eu sentia. Eu sabia. Talvez se eu não soubesse fosse muito mais fácil. Quando Sven veio me chamar para ir com ele, eu sabia que não havia mais nada que eu pudesse fazer. Eu tinha que ir, mesmo que fosse inútil, mesmo sabendo que podia ser inútil. Eu tinha que ir com ele. Que coisa mais angustiante.

ANNA: Não me conte mais nada, Sven.

SVEN: Mas Anna...

ANNA: Eu te amo, Sven. Eu entendo como você se sente. Eu entendo perfeitamente tudo o que você me diz, mas não adianta, Sven. Eu não posso fazer nada. Eu sei como isso é importante para você e como te faz sofrer, e eu queria mudar o mundo todo para você, para que você pudesse enfim se sentir em paz, se sentir em casa, mais isso é muito mais do que eu posso fazer. Eu te amo, Sven.

SVEN: Você já faz tudo, Anna. Sem você eu não sei.

ANNA: Você entende, Sven? Isso é uma coisa sua, só sua, e eu não posso fazer nada por você. Você tem que vencer isso. Eu queria fazer tudo por você. Eu queria sofrer a minha vida inteira para que você ficasse em paz, mas é você que tem que vencer isso. Isso me dói muito, Sven, e eu só te digo isso porque é verdade. Eu te amo, Sven.

SVEN: Eu sei, Anna, e é isso que me desespera. Eu sou responsável por você.

ANNA: Não, Sven. Você só é responsável pelo que você acredita.

SVEN: Eu te amo, Anna.

ANNA: Eu sei, Sven. É por isso que você tem que continuar. Não pense em mim. Eu estou com você. Sempre. Eu te amo.

SVEN: Que jeito, Anna? Eu vou. Eu sempre vou. Mesmo em pedaços. Mas eu volto.

ANNA: Eu te espero, Sven. Eu te amo.

SVEN: Eu te amo, Anna. Eu te amo.

BORIS: Eu não entendo nada disso que você está falando, Sven. Eu vejo que é muito importante para você, que você está realmente querendo me dizer alguma coisa, mas sou eu que não consigo entender, Sven. Sou eu. Eu não posso fazer nada, não é culpa minha. Entende?

SVEN: Sei, Boris. Eu entendo. Não faz mal.

BORIS: No fim dá certo?

SVEN: Não sei. Dá?

BORIS: Sei lá. Deve dar, não é?

SVEN: Tomara que dê. Parar nós não vamos, não é?

BORIS: Anna já acordou?

SVEN: Não.

BORIS: Então acorda ela e vamos embora. Vamos continuar.

SVEN: Vamos. Vou acordar ela.

ANNA: Eu acordava cedo para tentar ver o sol nascendo, mas geralmente ou eu estava com muito sono ou o tempo estava muito encoberto. Era o mesmo sentimento que eu tinha quando era pequena e tentava ficar acordada até meia noite na noite de ano [PALAVRA ILEGÍVEL] para ver o que acontecia. [TRECHO ILEGÍVEL] Uma vez eu consegui e fiquei muito frustada com a minha descoberta de que não acontecia nada na passagem dos anos.

BORIS: Não acredito.

SVEN: Mas Boris...

BORIS: Escuta aqui, Sven: você chega para mim; diz que descobriu uma coisa muito importante num lugar aí qualquer, enrola, conversa, depois me diz que é para eu ir com você aí para o tal do... do...

SVEN: Bolsão Maranhense.

BORIS: Bolsão Maranhense! Tal de Bolsão Maranhense procurar ruína e...

SVEN: Ruína, Boris.

BORIS: Que é que você acha que tem lá? Não deve ter nada, deve ter mato até aqui. Que é que você quer encontrar? Os fósseis de um hebdomadário? Sven, eu acho que você está ficando maluco.

SVEN: Hebdomadário é outra coisa, Boris.

BORIS: Sei lá. Sven, olha para mim. Eu tenho cara de palhaço?

SVEN: Boris, não é nada disso.

BORIS: Ah, está bem. Então tá.

SVEN: Não quer. Está bem.

BORIS: Sven. Vem cá. Onde é que é esse negócio?

ANNA: Eu estava começando a achar graça de tudo. As coisas me pareciam muito simples, e eu não entendia porque é que as pessoas faziam tanta questão de complicá-las. Não que estivesse tudo certo, ao contrário, nada parecia estar muito certo. Mas simples. Compreensível. Só isso. Simples.

BORIS: Eu era feliz. Era sim. Por que não? O que é um homem feliz? Quer dizer, do que é que precisa um homem para ser feliz? Analisando a coisa friamente, considerando os prós e os contras, embora bem mais os contras que os prós, eu acho que eu posso chegar à brilhante conclusão se que eu era feliz. Um homem feliz é aquele que não se justifica. É aquele que põe um pé na frente do outro e não guarda nenhum rancor contra o dia de amanhã. É o que ama a natureza e respeita a humanidade. O homem é feliz é o que consegue acordar no meio da noite e se sentir tranqüilo escutando o silêncio. É aquele a quem a chuva, o vento e o cheiro das pessoas não incomoda e põe fora de si. Felicidade é ter uma casa, um liquidificador e um tempo para escrever livros, plantar árvores, fazer filhos, ter uma mulher por toda a vida e ser enterrado no fundo do jardim, podendo voltar os olhos cansados para os seus feitos terrestres e sorrindo, com uma lágrima nos olhos, dizer: "Vivi." Depois, tranqüilamente, fechar o livro, virar para o lado, e adormecer nos braços da eternidade. Eu era feliz. Eu nunca tive nada disso.

O Bolsão Maranhense

SVEN: Há períodos na história da cidade, Anna, em que as informações começam a ficar um pouco nebulosas. Os dados se tornam esparsos, há poucos acontecimentos. Entende? Não acontecem coisas assim muito marcantes, eventos, sabe? É uma coisa assim mais no mesmo tom, mas você sente que estão acontecendo alguma coisa, e na minha opinião, alguma coisa de muito grande, de muito importante. Mesmo com os poucos dados que eu tenho desse período, eu consigo ver uma linha de fundo, sabe? Há um padrão interno de ordem, de coerência própria, e eu consigo reconstituir os claros que faltam. Eu já estou começando a ter, bastante nitidamente, a visão do processo. Eu já estou começando a entender como funciona a cabeça de Aníbal Rostogol. Eu já consigo entender como ele, tendo um certo número de dados na mão, chegaria às conclusões que chegou. Percebo a maneira dele de misturar os dados. Se mostrassem os dados, eu já conseguiria dizer a que conclusão, que verdade tomar a partir deles. Você em entende, Anna? Eu já estou começando a compreender a maneira dele pensar. Eu já sei como ele pensa.

ANNA: Cuidado, Sven.

SVEN: Porque? Porque é que você disse isso?

ANNA: Não sei. Mas era isso.

SVEN: Não entendo.

ANNA: Não se preocupe, Sven. Nem eu. Não deve ser importante.

SVEN: Você entendeu o que te contei, Anna?

ANNA: Entendi, Sven. É muito interessante.

SVEN: Eu preciso saber mais.

ANNA: Eu sei. Tenha calma.

SVEN: Terei.

ANNA: Sven. Estamos sem leite.

BORIS: Salva vidas eu nunca fui. Também era demais. Não foi por anda não, pelo princípio eu até era capaz de ir, o que eu não tinha era preparo físico. Eu nunca fui do tipo atlético. E depois, passar o dia inteiro na praia, não importa com que justificava, ia acabar me dando ansiedade. Depois eu tentei milhões de coisas. Eu tentei tudo. Vivência. Isso, vivência. Eu sou o tipo de sujeito que pode dizer que teve vivência. Porque eu tive mesmo. Eu vivi. Eu vendi bilhetes de loteria. Eu berrava mesmo na rua. Ter uma chance de berrar alguma coisa na rua é uma vez na vida. Aí eu berrava. Era para berrar então eu berrava. Eu jogava todas as minhas [LETRAS ILEGÍVEIS]sidades anteriores naqueles bilhetes e gritava por eles na rua. Eu era capaz até de matar por aqueles bilhetes, que eram tudo o que eu defendia. Tudo o que eu queria, tudo o que eu precisava saía ali, em cima da sorte e do futuro dos outros, na minha garganta. Eu trazia nas mãos o futuro assegurado da humanidade. E se isso não é isso alguma coisa que vale a pena ser gritado no meio da rua então realmente é preciso não acreditar mais em nada. Eu não tinha nada fixo nessa época. Eu estava completamente perdido. Eu fazia qualquer coisa. Eu dava até aulas de Literatura. Eu dei aulas de literatura quase dois meses. Eu já nem me lembro mais direito daquele período. Eu fui trocador de ônibus. Eu trabalhei como trocador de ônibus. E foi a conta. Aí foi realmente a gotinha de água para entornar tudo. O que eu vi da humanidade como trocador de ônibus, o que eu vi de humanidade desfilando na minha frente o dia inteiro foi o que bastou, o que me levou a me juntar aquele maluco do Sven e ir para o Bolsão Maranhense, ir para qualquer lugar em que ele acreditasse que ainda poderia existir alguma coisa. Alguma coisa que realmente valesse a pena. Nem que fosse a

maior mentira do mundo. Não tinha importância. Eu ia com ele. Eu não tinha mais nada. Eu só podia ir com ele.

ANNA: Às vezes eu penso algumas coisas que eu tenho até medo de contar a Sven. Eu sei que ele está certo, que ele está fazendo a única coisa que podia fazer. Eu sei que tenho de acreditar nele. Mas às vezes se torna tão difícil. Ele está tentando encontrar alguma coisa, eu sei, mas às vezes eu acho que ele podia pensar um pouquinho mais em mim. Eu devo estar errada. Não sei. Mas é isso que eu sinto.

BORIS: Sven. Pode-se conversar?

SVEN: Pode-se, Boris. O que é?

BORIS: Não, é que eu queria que você me falasse mais.

SVEN: De que? Da cidade?

BORIS: É. Do lugar para onde nós vamos.

SVEN: Bolsão Maranhense...

BORIS: É. Isso.

SVEN: Mas o que é que você quer que eu te diga?

BORIS: Não sei bem exatamente o que. Vai falando. O que é que você, nós vamos procurar? Entende? O que, objetivamente, é que nós vamos procurar; estamos procurando. Sabe? O que é que você quer encontrar lá?

SVEN: Não sei bem o que te dizer, Boris.

BORIS: Entende o que eu digo? Eu não quero que você me responda exatamente isso. Eu não sei o que eu quero que você me diga, só muito vagamente. Mas é alguma coisa assim. Você entende.

SVEN: Entendo, Boris. Mas eu não sei te dizer assim. Talvez venha aparecendo alguma coisa, aos poucos, e eu possa ir te dizendo. Assim, de repente, eu não estou sabendo o que te dizer, sabe? Eu sei uma porção de coisas que quero, eu tenho milhares de motivos, e milhares de coisas para te [PALAVRA ILEGÍVEL] assim eu não sei. Entende, Boris? É engraçado, mas eu não consigo te dizer nada agora. Sabe? Não é que... Você entende. Você entende? Agora, de repente, assim, não tem anda.

BORIS: Está bem, Sven. Não faz mal. Eu descubro.

ANNA: Começou a me dar uma vontade louca de ir embora. Mas louca; fortíssima, irresistível. Era romântica, eu sinto agora que não era nada de sério, eu era ainda muito jovem naquela época, meus pensamentos não eram muito ordenados. Mas o fato é que eu tinha essa vontade e não me largava. Eu me pegava pensando nisso nas horas estranhas, nas horas mais impróprias. Já estava ficando um negócio obsessivo. Eu comecei a achar que se eu não fosse embora ia acabar morrendo ou ficando louca. Eu pensava nisso tempo todo. Depois eu esqueci e nunca mais pensei nisso.

BORIS: Sven, para que é que a gente vai para esse lugar?

SVEN: Não á para escapar de nada, eu sei que não é. Seria tão mais fácil se a gente pudesse realmente escapar. De qualquer jeito. Mas é impossível. Pelo menos para mim é impossível. Me sobra sempre uma coisinha em que eu ainda acredito. Eu sempre acabo acreditando. Eu nunca vou conseguir escapar. Desesperar de uma vez. Nunca.

ANNA: Havia ocasiões em que eu me sentia um pouco cansada. Mas isso era muito raro. Ou

O Bolsão Maranhense

talvez até não fosse tão raro assim. Não me lembro.

BORIS: Engraçado. Há muito tempo que eu não ouço música.

ANNA: Música?

BORIS: É. Eu estava pensando nos meus tempos de orquestra.

ANNA: Você sente falta, Boris?

BORIS: Ah, isso me lembrou...

ANNA: O que?

BORIS: Não, é que quando eu disse "nos meus tempos de orquestra eu me lembrei de um sujeito que eu conheci que sempre começava suas histórias dizendo:"Quando eu era cônsul em Madagascar...", e, aí todo mundo desconversava porque as histórias dele eram muito chatas. "Quando eu era cônsul em Madagascar." "Nos meus tempos de orquestra." Eu acho que estou ficando um pouco assim também. Eu só fico lembrando das minhas coisas e aborrecendo as pessoas.

ANNA: A mim não, Boris.

BORIS: A você não, Anna, eu sei. Com você eu me sinto tranquilo. Com vocês.

ANNA: Você estava falando da música.

BORIS: Estava? Acho que não tinha importância.

ANNA: Você queria dizer alguma coisa?

BORIS: Não, não. Eu só senti um pouco de saudades. Nem isso. Foi só uma lembrança.

ANNA: Tchaikovsky.

BORIS: É. Era muito bonito. Engraçado.

ANNA: O que?

BORIS: Eu tocando prato.

ANNA: De casaca.

BORIS: De casaca! Limpa! Limpa, meu deus, limpa...

ANNA: Isso era alguma coisa!

BORIS: Era tudo, Anna. Era tudo. Eu não tinha mais nada. Volta e mais eu não tinha mais nada. Sempre.

ANNA: Eu já quis ter um cachorro. Ou um gato. Mas mais um cachorro.

BORIS: Eu já fui guardador de carros e estacionamento. Eu já quis viajar o mundo inteiro. Eu sabia plantar bananeira! Eu comprei um rádio para falar comigo de noite. Eu já fui figurante de ópera. Eu já fui ascensorista. Eu já toquei numa orquestra, porra, eu já toquei numa orquestra! Eu também, eu também já fui alguma coisa na vida. Eu também. Eu também! Eu já fui alguma coisa na vida; meu deus; eu tocava prato. Eu tocava prato. Não me tirem isso também. Isso não. Por favor. Eu sei que houve coisas que eu não consegui alcançar. Eu sentia que havia coisas que eu nunca ia conseguir alcançar. Mas eu fiz. Eu tentei. Eu também tentei fazer alguma coisa na vida. Qualquer coisa. Por isso é que eu estou aqui. Por isso é que mais uma vez eu não desisti, e estou aqui? Meu deus. Que persistência mais absurda! Que maneira mais idiota de se levar a vida. Como se a vida fosse alguma coisa que pudesse ser levada de uma maneira não idiota. Como se o homem não fosse em si uma coisa ridícula, um sonho

impossível. Como se alguma coisa realmente tivesse algum sentido. Como se eu não soubesse que tem. Sempre acaba tendo. Sempre. Também que merda. Será que os homens nunca vão deixar de querer morder as estrelas?

SVENN: A cidade, nesse período, estava começando a reencontrar suas bases, suas origens. Suas raízes. As mudanças de Aníbal Rostogol trouxeram à tona uma série de conceitos antigos e esquecidos que começaram então a se revalorizar e a se implantar quase, e meio até, como princípios básicos. Os processos estavam todos no ar, não havia nada sólido, nada ainda sedimentado, mas a direção, o caminho era claro, e todos acreditavam que era o único caminho possível. Todos trabalhavam juntos e para um mesmo objetivo, não parecia haver nenhuma razão para que as manhãs não se tornassem cada vez mais limpas, entretanto pairava sempre no ar, no vento e no coração dos homens uma mesma ameaça: todos tinham a certeza não confessada de que os grandes ataques iriam continuar.

ANNA: Sven estava inquieto, nervoso. Às vezes eu não compreendia mais. Eu tinha muito medo. Ele ficaria horas sentado, com os olhos muito abertos, sem ver nada. Ele não me olhava. Às vezes me olhava, mas não me via. Era só um movimento de cabeça na minha direção, para logo depois voltar a olhar o que não estava vendo. Ele me dava a impressão de estar procurando no fundo da escuridão alguma coisa que obrigasse seus olhos cansados.

SVENN: Boris, eu queria alguma coisa que obrigasse seus olhos cansados.

BORIS: Estou aqui, Sven.

SVENN: Anna, eu queria te contar umas coisas.

ANNA: Estou aqui, Sven.

SVENN: Boris, eu queria te contar umas coisas.

BORIS: Estou aqui, Sven.

SVENN: Mas eu não sei o que. Eu não sei. Eu não sei o que.

ANNA: Estamos aqui, Sven.

BORIS: Você sabe o que eu fiz. Você sabe de onde eu venho. Você sabe o que eu tentei. Todos sabem tudo o que eu tentei. Pode ser que falte muito tempo. Pode ser que ainda falem muitas coisas. Pode ser que muita coisa ainda tenha que acontecer. Talvez eu tenha que ir embora. Talvez eu tenha que ficar. Eu não sei o que vocês pensam de mim. Eu não sei o que vocês pensam alguma coisa de mim. Eu não sei o que vocês esperam de mim. Eu não sei se vocês esperam alguma coisa de mim. Eu me chamo Boris, me encontro no Bolsão Maranhense, e tenho a vaga impressão de já ter pelo menos uma certa idéia de até onde os homens podem ir na sua solidão. Mas eu ainda tenho muito que aprender.

ANNA: Eu tinha medo que ele não encontrasse nada, fosse embora, e nunca mais voltasse para mim.

SVENN: Eu tinha que ir.

ANNA: Eu tinha medo que ele não encontrasse nada.

SVENN: Nem que fosse para provar.

ANNA: Eu tinha medo que ele fosse embora.

SVENN: Nem que fosse para provar que eu ainda podia acreditar.

ANNA: Eu tinha medo que ele nunca mais voltasse para mim.

O Bolsão Maranhense

SVENN: Eu tinha que ir. Nem que fosse para provar que eu ainda podia acreditar. Eu tinha que ir.

ANNA: Eu tinha muito medo. Eu sai na rua, eu andava pelas ruas e sentia, e sabia que a qualquer momento alguma coisa podia acontecer. Os homens estavam inquietos, perturbados. Eu olhava para eles e via que eles não estavam bem. O ar estava carregado, era como se tivesse havido alguma confusão no mundo dos sonhos e alguns deles estivessem lá. Eu olhava para os homens, nas ruas, e via que eles não estavam bem. As próprias cores do dia tinham adquirido um aspecto diferente. Era como se alguma coisa estivesse, muito lentamente, se encaminhando.

BORIS: Eu tentei tudo. Ah, mas eu tentei tudo. E cada coisa que eu não encontrava aumentava ainda mais o vazio que eu tinha dentro de mim. Era cada vez mais espaço que tinha que ser preenchido. De algum modo, a coisa toda não me parecia muito justa. Eu não podia só perder, errar, passar ao lado. Eu sentia que alguma coisa devia chegar. Eu sentia como se eu devesse ter alguém.

SVENN: Eu te amo, Anna.

ANNA: Eu também, Sven.

SVENN: Mas eu sinto que alguma coisa me falta. Alguma coisa.

ANNA: Dorme, Sven. Dorme tranquilo. Manhã você vai se sentir melhor.

BORIS: Eu já estava indignado, mas eu não ia me lamentar. Eu ia continuar, porque era a única coisa que eu sabia, que eu podia fazer.

SVENN: Eu gostava de olhar a cidade de noite, de algum lugar bem alto. Então era bonito. Era bonito porque não se via gente, não se via ninguém. Então realmente tudo, qualquer coisa poderia acontecer, porque ainda não havia nada. Era nessas horas em que a gente podia realmente acreditar em alguma coisa. Foi nessa época que eu comecei a procurar as bibliotecas. Eu me sentia de uma certa maneira como que em liberdade.

ANNA: Você acha, Sven?

SVENN: Eu acho que sim, Anna. Eu quero. Eu preciso. Entende? Eu preciso.

ANNA: Está bem, Sven. Se você acha que realmente é necessário.

SVENN: Acho, Anna. Realmente.

ANNA: Está bem então, Sven. Faça como você quiser.

SVENN: Obrigado, Anna. Eu te amo.

ANNA: Eu também, Sven.

SVENN: Eu sei.

ANNA: Eu sabia que ele sabia. E ele sabia que eu sabia que ele sabia. E eu sabia que ele sabia que eu sabia que ele sabia.

BORIS: Sven, você fez alguma coisa na vida? Quer dizer nos moldes normais, entende? Nada de realmente sério. Você estudou, fez universidade, esses negócios que infelizmente ainda existem?

SVENN: Estudei, Boris. Eu sou antropólogo.

BORIS: Você antropólogo?

SVENN: Você não vai deixar de falar comigo por isso, vai?

BORIS: Antropólogo, né. Tem gente que realmente não tem mais o que inventar. Para fazer uma coisa dessas o sujeito precisa não acreditar mais em nada.

SVENN: Era o meu caso na época, Boris. Mas eu achava que isso, o homem, tinha alguma coisa no fundo.

BORIS: Faz muito tempo, não é?

SVENN: É. Hoje eu já mudei um pouco. Mas nem tanto, sabe? Nem tanto.

BORIS: Por insistência você tem. Ah, isso você tem. Me lembra um cachorro que eu conheci uma vez. Latia a noite inteira para deixarem ele entrar em casa. Quando de madrugada alguém acordava e ia abrir a porta para ele, ele não entrava. Já não queria mais. Persistente, aquele era. Sabe de uma coisa, Sven? Você não é um antropólogo. Você é um misantropo. Você é um misantropólogo!

SVENN: "Se Deus tivesse querido que o homem voasse, ter-lhe-ia dado asas."

BORIS: E daí?

SVENN: Não sei. Isso deve querer dizer alguma coisa.

ANNA: Eu olhava para o céu, porque eu achava que devia ser por ali. Não sei bem o que, mas devia ser por ali. Um dia acabava aparecendo. Hoje eu estou no Bolsão Maranhense. A gente paga o que tem, também não se pode ter tudo na vida.

BORIS: Você está louco, Sven. Isso não existe.

SVENN: Existe. Existe. E se você não quiser ir comigo eu vou sozinho.

BORIS: Você está inventando isso porque você já não tem mais nada. Isso é fuga, homem. Isso é desespero, isso já não é mais uma atitude.

SVENN: Eu já te disse uma vez, Boris: se a gente pudesse realmente escapar estaria tudo resolvido. Eu vou para o Bolsão Maranhense. Só isso.

BORIS: Mas por que? Por causa de alguns papeizinhos que você descobriu...

SVENN: Papeizinhos, Boris!

BORIS: Papeizinhos que você descobriu, fechou tudo, disse "são esses mesmos" não quis mais saber de nada. Sven, isso é loucura! Você acha que isso funciona?

SVENN: E você acha que alguma coisa funciona? Como se alguma coisa funcionasse. Se você não vai, Boris, você diz, mas me deixe pensar na maneira que eu quero.

BORIS: Mas eu não entendo. O que é que você vai procurar lá? O que?

SVENN: Eu não sei o que é que eu vou procurar. Eu sei que é uma coisa que eu descobri, uma coisa que eu ainda acredito, ainda consigo acreditar, e eu vou lá para ver o que é que tem dentro. Toda a minha vida eu fui lá para ver o que é que tem dentro.

BORIS: E nunca tem nada, Sven. O que você chama de dentro não existe.

SVENN: Tá bom. Mas eu vou.

BORIS: Eu não entendo. Eu não consigo entender. Eu acho que nunca vou conseguir entender.

SVENN: Não entenda, então.

O Bolsão Maranhense

BORIS: Mas eu vou.

BORIS: Eu acho que nunca vou conseguir entender. Eu vejo o que Sven espera, o que ele procura, mas está lá, com ele; é longe de mim. É alguma coisa que eu nunca vou conseguir alcançar. Não digo encontrar a coisa, acho que isso nem Sven, ou talvez ele encontra, não sei. Mas pelo menos entender a vontade de procurar. Eu sei que existe, eu acredito que exista alguma coisa, mas eu também sei muito claramente que não é para mim. Eu percebo que há alguma coisa mais, mas eu sei que nunca, nunca vou conseguir alcançar. É a música que me fugia quando parecia justamente que ia começar, que alguma coisa ia se abrir e que era capaz até de ter alguma coisa dentro. É o que Sven diz: alguma coisa dentro. Ver o que é que tem dentro. E eu disse para ele que esse "dentro" não existia. Mentira. Existe. Eu é que nunca vou conseguir chegar lá. Eu nunca vou conseguir perceber o que estiver se abrindo, e ver o que está lá dentro, longe, em alguma outro lugar. Eu vim com ele, mas não encontrei anda. Foi só mais uma tentativa. Foi só mais uma tentativa. Talvez me faltasse mais alguma coisa, ou talvez eu tenha alguma coisa de mais. Não sei. Talvez a resposta esteja nas pessoas. Talvez eu deva procurar mais.

SVENN: Eu já não agüentava mais ver gente. Eu já não suportava mais as pessoas, era uma irresponsabilidade quase física de estar junto dos seres humanos. Era uma coisa - a humanidade, eu quero dizer - que começava a me repugnar. Eu já não conseguia mais sair nas ruas. Mas de verdade. Eu não saía mais nas ruas. Eu já estava quase no ponto de vomitar se viesse gente. Era só olhar para as ruas que eu já começava quase a ter alucinações. Animais. Eram animais. Eu andava pelas ruas e as pessoas estavam cada vez mais parecidas com animais. Eu andava pelas ruas e as pessoas estavam cada vez mais parecidas com animais. A figura humana, eu pensava, tem um negócio que se chama a figura humana. Onde é que está? Onde é que se escondeu porque eu quero ver. Ah, agora eu quero ver. Eu quero ver a figura humana aonde é que está, que nas ruas não está mais. Na rua as pessoas se tornam cada vez mais gordas e estranhas e pintadas e cada vez mais longe de qualquer coisa que possa ser chamado de Humanidade. Ou se é antropólogo ou não se é. Onde é que estão os homens? Onde é que se esconderam, se ainda existem? Pelo menos a bomba atômica seria uma esperança, ama esperança de começar tudo de novo mas não, nem isso. Nem por isso se tem coragem. E depois, não haveria nada que realmente valesse a pena destruir. Não há mais nada. Não há mais anda que possa ser destruído, pela simples razão de que não existe mais nada. É só sair na rua e olhar para os animais que circulam por elas para entender que não existe mais nada. Mas eu sabia que em um lugar chamado Bolsão Maranhense existia um Homem chamado Aníbal Rostogol que tinha voltado. E se ele voltou é porque realmente existia alguma coisa pela qual valesse realmente a pena voltar. A figura humana, talvez. Não sei. Eu não conheço o rosto de Aníbal Rostogol. Mas eu ia lá descobrir. Pela última coisa que tivesse restado. Pela última coisa que tivesse resistido. Descobrir o que pudesse ter restado de alguma coisa que realmente vale a pena. Alguma coisa que me fizesse voltar.

ANNA: E o que ficou? Se ficou alguma coisa. Eu já não sabia mais nada. Eu já estava entendendo muito tempo. Eu sentia Sven cada vez mais longe de mim, mesmo Boris andava com alguma coisa diferente nos olhos. Eu estava me sentindo um pouco perdida no meio delas. A viagem foi muito estranha. Não que tivessem acontecido coisas estranhas, não aconteceu nada de mais, mas era estranho em si, não sei. Era uma coisa que passava. Quer dizer, ninguém estava saindo de férias nem nada disso, entende? Eu já começava a duvidar que fosse realmente ama solução. Quer dizer, Sven já procurava, e esperava isso há muito tempo, eu sei, e Boris parecia estar jogando tudo o que tinha naquilo. Eu não tinha vontade de voltar nem nada assim, é claro que eu ia com eles, é claro que eu ia com Sven aonde ele fosse,

aonde ele quisesse que eu fosse. Mas para que? Não que eu estivesse preocupada com alguma finalidade, mas eu via que eles, Sven principalmente, estavam, e as razões, as explicações deles não me convenciam muito. Quer dizer, eram as razões deles, as explicações deles, e eu entendia. Eu entendia perfeitamente. Eu sempre entendi tudo o que Sven me dizia ou tentava me dizer, eram as razões deles, as explicações deles, e eu entendia. Eu entendia perfeitamente. Eu sempre entendi tudo o que Sven me dizia ou tentava me dizer, e Boris não apresentava nenhum problema maior de ser compreendido. Mas não era uma coisa minha, entende? Eu não tinha isso em mim. Tem que se ter. Quer dizer, ou se tem, ou não se tem. Eu não tinha, eu entendia, mas não me preocupava. Eu ia. Eu fui. Eu vim. Mas para que? O que ficou? A quem de responder? Quem pode dizer que nunca vai conseguir tocar e nem ao menos entender? Sven que veio para o Bolsão Maranhense para descobrir o que pudesse ter restado do último núcleo de resistência e não encontrou anda? Ou quem? Aníbal Rostogol? Eu vi sim, e para mim não faz diferença nenhuma Ter vindo, de qualquer maneira. Eu só queria ir embora. Eu queria escapar daquilo tudo.

BORIS: Eu adorava Tchaikovsky. Era só um careta qualquer assobiar a 1812 do meu lado que eu já estava gozando. Eu acreditava nas pessoas.

SVENN: Já que estamos todos aqui...

BORIS: Sven!...

SVENN: Hein?

BORIS: "Já que estamos todos aqui?"

ANNA: (ri)

SVENN: Não, Boris, porque é realmente difícil.

BORIS: Sven, o realmente é difícil é separar as rodas da cadeira. O resto é brincadeira.

SVENN: Não brinque, Boris.

BORIS: Mas é sério. você se senta tranqüilamente num cadeira, você vê bem que é uma cadeira, e de repente, sem você saber como nem de onde, você percebe que ela tem rodas e que você está sendo empurrado. O trágico é que você está amarrado, você não consegue se levantar e nem ao menos virar para ver quem é que está empurrando.

ANNA: Tão deprimente, Boris. Tão sem saída.

BORIS: E isso não é nada, comparado com outras coisas que eu posso te contar.

SVENN: Não conte, Boris. Hoje não.

BORIS: E por que justamente hoje não?

SVENN: Por que hoje é o último dia. Hoje começa. Manhã nós viajamos.

ANNA: Amanhã nós vamos embora daqui. Bolsão Maranhense, aqui vamos nós!

BORIS: Mas é exatamente por isso. Não, Sven; hoje não começa: hoje acaba. Então vamos jogar tudo. Largar tudo e deixar aqui, para amanhã poder realmente mudar. Mas amanhã. Hoje ainda é aqui. Hoje nós ainda estamos aqui.

SVENN: Ora, Boris, não seja tão sério. Não faz diferença nenhuma.

BORIS: Ao contrário, Sven: faz toda a diferença. Hoje precisa acontecer tudo, hoje precisa acontecer inteiro, para que amanhã possa ter sentido. Para que amanhã possa ser de verdade.

ANNA: Estou louca para chegar amanhã.

O Bolsão Maranhense

SVENN: E então, Anna, vejo o segundo dos grandes ataques, muito maior e mais poderoso que o primeiro, e que realmente teria força para destruir tudo. Mas a cidade estava preparada. Lentamente, de dentro de dois dias, do fundo dos porões, pouco a pouco, uma por uma, veio se organizando, para proteger a cidade mais uma vez, o terceiro núcleo de resistência. Ninguém sabia se onde tinha vindo, ou como tinham se formado, mas todos tinham a certeza de que estavam lá, de que estavam só aguardando a hora de serem necessários, de serem chamados, para se mostrar. E o momento veio, e eles apareceram. Eram muitos, e vieram de todos os lugares para se juntar, para se unir e defender a cidade e tudo que ela trazia de grande dentro dela que valesse a pena de ser preservado. Não tinham nomes nem motivos, mas isso não tinha importância. Eles estavam lá, e quando chegou a hora, a cidade os viu surgir de todos os buracos da terra para defender o que não podia ser perdido. Era o terceiro núcleo de resistência, e Aníbal Rostogol observava sorrindo esse lento amanhecer. Mas o ataque era poderoso, e todo esforço parecia inútil. A cidade foi defendida, mas dificilmente poderia agüentar mais um ataque, que certamente viria. Tudo começou então a tomar um rumo diferente. Pouco a pouco as coisas foram se perdendo, o sentido de tudo foi se tornando turvo, a certezas foram se esquecendo, se tornando mais raras. Era como se a cidade estivesse sendo guiada, lentamente, de tudo o que lhe fosse vital. A cidade não era mais a mesma, e ninguém aprecia compreender bem porque. Todos esperavam que, mais uma vez, alguma coisa estivesse se preparando debaixo da terra. Mas não se tinha mais certeza, e ninguém sabia nem ao menos o que poderia ser. Ninguém tinha respostas, Aníbal Rostogol se calava e as esperanças foram pouco a pouco se perdendo, e sendo esquecidas.

ANNA: Eu já não sabia mais de que lado me virar. Então eu só olhava para a frente.

SVENN: Boris!

BORIS: Sim?

SVENN: Você pode vir aqui um instante?

BORIS: O que é?

SVENN: É que isso é muito grande, e é muito difícil para eu levar sozinho.

BORIS: Eu te ajudo, Sven. Eu te ajudo.

PARTE IV

QUARTA PARTE

ANNA: Ciúmes de Boris! Sven, não seja ridículo.

SVENN: De um certo modo trata-se também da proteção da natureza.

BORIS: O que, Sven?

SVENN: Não, nada. Eu pensava alto.

ANNA: Café, Sven?

SVENN: Não, obrigado. Ah, Boris, eu encontrei para você.

BORIS: Para mim? O que?

SVENN: Alguma coisa sobre Tchaikovsky. Você tinha me pedido uma vez, lembra?

BORIS: Ah, Sven, muito obrigado. Pensei que você já tinha esquecido.

SVENN: Não, eu me lembrei.

BORIS: Ah. Eu já tinha esquecido. Muito obrigado, Sven.

SVENN: Ora, Boris, de nada.

ANNA: Café, Boris?

BORIS: Um pouco, sim. Obrigado.

BORIS: Onde é que ficou? O que é que falta? Tem alguma coisa aí nisso tudo que não está me convencendo. Onde é que falhou? Onde é que errou? Em que ponto? Deve ter ficado alguma coisa pelo meio do caminho; em algum lugar qualquer alguma coisa se perdeu. Ainda restam algumas coisas, talvez as últimas, que nos fazem pensar que deve ter havido mais. É isso. Deve ter havido mais. Mas onde é que está, onde é que ficou, que já não tem mais? O que é que se perdeu? Alguma coisa muito importante deve ter se perdido em algum lugar no meio do caminho. Talvez seja disso que Sven fala o tempo todo. É, deve ser. Só isso. Agora tem um tal de último núcleo de resistência que o colega aí vive falando que eu sei lá. Isso deve querer dizer alguma coisa. Eu vivi fases negras, amigos, fases negras. Quando eu começava a desacreditar eu desacreditava mesmo. Um dia pela manhã eu estava andando pela rua com uma finalidade bem definida que eu nem me lembro mais qual era quando eu vi um sujeito num cruzamento enorme, cheio de ruas e carros vindo de todos os lados, e ele estava regendo o tráfego. Ele estava em cima de uma calcinha e de acordo com o sinal ele comandava o movimento dos carros. E a expressão de felicidade no seu rosto é uma coisa que eu não vou esquecer nunca. Ele era o dono do mundo, ali. Quando o sinal abria ele apontava um dedo enorme naquela direção e todos os carros acompanhavam, obedeciam. O sinal fechava e ele levantava uma mão firme que parava todos os carros, e como seus olhos brilhavam. Eu só não chorei por causa da raiva que eu estava sentindo. Raiva dos homens, raiva do mundo que levou aquele homem a procurar o céu numa atitude desesperada sem significado nenhum. Sua roupa estava rasgada, seu rosto suado, e ali, no meio daquela manhã, entre aqueles carros, ele era Rei. Ele tinha realmente encontrado alguma coisa. Eu larguei o que eu estava fazendo o que estava trabalhando na época, não me lembro nem mais o que era e fui [PALAVRA ILEGÍVEL] como guardador de carros num estacionamento. Eu já não agüentava mais os homens, eu fui procurar as máquinas. Eu ficava ao lado delas, tomando conta daqueles carros o tempo todo. Mas eles também não me deram nada.

O Bolsão Maranhense

ANNA: O último núcleo de resistência?

SVENN: O último núcleo de resistência.

BORIS: Ah, sim... O último núcleo de resistência. É.

ANNA: O que?

BORIS: Nada. Vamos?

SVENN: Vamos.

SVENN: Eu comecei a pensar uma porção de coisas. Eu lia muito, eu era novo ainda. Alguma coisa parecia não estar se encaixando muito bem. Eu olhava para o céu e ficava imaginando se iria chover. Eu ficava imaginando outro lugar, talvez em outro lugar, quem sabe? Eu ainda não tinha encontrado Anna, então eu achava que a solução era sair, fugir, procurar em outro lugar. Eu achava que era só procurar e não haveria meio de não encontrar. Eu achava que bastava procurar. Hoje ainda acho. Embora naquela época eu ainda não tivesse encontrado Anna.

ANNA: Como vão as pesquisas, Sven?

SVENN: Vão melhorar, Anna. Eu sei que vão melhorar.

ANNA: Está muito cansado hoje?

SVENN: Um pouco. Não precisa de preocupar comigo, Anna.

ANNA: Eu me preocupo com você, Sven.

SVENN: Eu sei. Te amo.

ANNA: Eu também. Muito.

BORIS: Eu sempre fui independente. Eu fazia tudo por mim mesmo. Tudo o que eu fazia dependia só de mim. Eu achava que assim eu poderia me sentir mais livre. Pelo menos era o que eu me dizia. Hoje eu já não tenho mais tanta certeza. Eu detestava equipes, grupos, corporações. Ainda detesto. Mas eu sinto necessidade de alguém.

ANNA: Sozinho, Boris?

BORIS: Sempre.

ANNA: Sven parece que encontrou alguma coisa lá num livro e pede para você ir dar uma olhada.

BORIS: Ah, está bem. Já vou.

ANNA: Ah, e Boris...

BORIS: Sim?

ANNA: Ele pede para você levar o mapa.

SVENN: No começo que queria resolver tudo. Tudo de uma vez. Mas eu fui percebendo que era grande demais e forte demais para mim, eu nunca ia conseguir sozinho. Então eu comecei a procurar as pessoas, para me tornar mais forte. Ne que fosse um pouquinho só, mas já fazia toda a diferença. Eu achava que deveria haver mais alguém que pensasse como eu, não poderia ser tão difícil. Era. E era ainda mais difícil do que eu tinha imaginado. Ninguém! Mas ninguém! Então eu resolvi deixar as pessoas de lado e partir para a briga sozinho. Já que não havia ninguém que quisesse ir comigo, embora eu precisasse tanto, eu ia tentar resolver tudo sozinho. Porque eu não ia desistir. Desistir eu não ia. Se alguém faz eu faço. Depois eu

comecei a não me interessar mais. O tempo passou, eu mudei. Eu estava achando a minha determinação teimosia pura, sem sentido nenhum. Aí eu larguei tudo. Não era nem que as soluções já não me interessavam mais, mas o próprio problema, o Homem, já não estava mais me dizendo nada. Eu cheguei até a passar uma fase sem pensar em nada. Aí apareceu "A Volta de Aníbal Rostogol" que foi aumentando, aumentando, até o último núcleo de resistência. E Anna, e Boris, e aqui estamos nós todos aqui de novo. Ou se é idealista ou não se é.

SVENN: Ah, Boris. Quer dar uma olhada nisso?

BORIS: Não gosto.

SVENN: Não gosta de que?

BORIS: Não gosto, não acho que seja isso. Só. Não acho que isso seja nada.

SVENN: Mas por que, Boris?

BORIS: Eu sei lá porque! Você pediu minha opinião eu estou dando.

SVENN: Eu não pedi a sua opinião, Boris, eu só pedi para você dar uma olhada.

BORIS: Ah, porque agora o senhor já dispensa minhas opiniões.

SVENN: Boris, não é nada disso. Não complique.

BORIS: Não, não, eu compreendo perfeitamente que tendo alcançado uma certa posição...

SVENN: Está bem, Boris, chega. O que é que você acha disso?

BORIS: Não gosto.

ANNA: Hein?

BORIS: Eu não ia ceder. Mas eu não ia ceder mesmo. Eu não ia ceder nem um pouquinho. Porque eu tinha uma série de princípios. Eu não ia aceitar nada. Não sei se estou me explicando bem, mas é isso mesmo. Princípios. Ninguém ia atender isso nunca. E para alguém ficar comigo teria necessariamente de entender. Eu acreditava numa série de coisas que ia mudar. Eu acreditava que para conviver com uma pessoa deveria haver uma espécie de integração, de compreensão, de concordância que tinha de ser total. Sven e Anna, talvez; não sei se Sven e Anna chegaram a isso, não perguntei. É capaz. Eu não sei explicar bem o que estou querendo dizer porque nunca senti isso, mas eu acho que deve, pelo menos devia [PALAVRA ILEGÍVEL] entregar a um monte de conceitos estabelecidos, manter sempre alguma coisa própria. Não se entregar é bom. Não paternalizar ou tentar delimitar, organizar a vida da outra pessoa. O paternalismo é o primeiro passo para o fascismo, o nazismo, o comunismo, e qualquer sistema totalitário. Tentar se manter, e à outra pessoa, juntos, tão lúcidos e independentes quanto possível. Eu não ia manter isso, nem que eu tivesse de ficar sozinho a minha vida inteira. Eu sou pela liberdade individual.

ANNA: No outro dia eu li um jornal. Outro dia não, já faz bastante tempo. Foi antes. Eu li um jornal inteiro. Inteiro! Que coisa ridícula. É inacreditável o vazio que se pode encontrar lá dentro. Depois eu procurei o nome de Aníbal Rostogol numa enciclopédia. Não tinha.

SVENN: Anna, eu queria ficar sozinho uns dias.

ANNA: Por que, Sven?

SVENN: Mas você tem que perguntar tudo, Anna?

ANNA: Sven, não precisa falar assim.

O Bolsão Maranhense

SVENN: Desculpe, Anna. Mas eu estou precisando pensar, sabe, rever umas coisas.

ANNA: Mas você não pode fazer isso aqui, comigo?

SVENN: Não, Anna, não é isso. Entenda. Eu preciso ficar sozinho.

ANNA: Está bem, Sven. Coco você quiser.

SVENN: Obrigado, Anna. Eu sabia que você ia entender.

SVENN: Eu acordava de noite e pensava: O que é que está acontecendo conosco? Eu tinha vontade de sair na rua e procurar. Eu achava que por algum dos lugares que a gente tinha passado alguma coisa deveria Ter se perdido. Uma vez eu não agüentei mais e saí. Saí mesmo. Eu fiquei andando e não tinha a mínima idéia do que é que eu estava querendo. Isso faz tanto tempo. Eu ainda não tinha entendido que nas ruas eu não iria encontrar nada. Era preciso ir bem mais longe para poder começar a pensar em acreditar em alguma coisa. E só aí, talvez, começar a procurar.

BORIS: Você é uma derrotista, e só está fazendo isso tudo para se justificar.

SVENN: Está bem, então eu sou uma derrotista e só estou fazendo isso tudo para me justificar.

BORIS: Isso não é argumento.

SVENN: E alguém está argumentando?

BORIS: Eu! Eu estou tentando.

SVENN: Você está perdendo seu tempo.

BORIS: Sven, o que eu lhe disse foi a sério.

SVENN: Me justificar, Boris?

BORIS: É. Se justificar.

SVENN: E daí? E se for? Que importância tem isso? Eu estou fazendo ou não estou?

BORIS: Mas não é a maneira, Sven. Assim não vai adiantar nada.

SVENN: Mas não é nada disso, Boris. Quem é que está se justificando? O que é se justificar? O que é justo? Ninguém sabe o que é justo. Então não tem sentido você dizer que eu estou me justificando. Não tem sentido isse justificar.

BORIS: Sven, o que eu qeuria dizer é que você está fazendo isso tudo para você.

SVENN: É. E por quem você quer que eu faça? Por Anna? Por você? Pela humanidade?

BORIS: Sven, você não acredita em nada.

SVENN: Nem tanto, Boris. Mas era preciso ver para muito longe, como nós viemos, para poder pelo menos achar que ainda existe alguma coisa em que valha realmente a pena acreditar. Mas nem aqui eu já não tenho mais tanta certeza.

BORIS: Isso é terrível, Sven. Isso não tem saída nenhuma.

SVENN: É. É bem provável que não tenha.

BORIS: Ou talvez seja o contrário.

SVENN: Como o contrário?

BORIS: Como é aquilo que você sempre fala?

SVENN: O último núcleo de resistência?

BORIS: É. Isso deve querer dizer alguma coisa.

ANNA: Então nós íamos para o Bolsão Maranhense. Está bom. Eu não via muito bem para que, qual era a diferença, mas como era importante para Sven, e eu acreditava nele, eu não disse nada. Depois eu pensei um pouco e me senti um pouco triste, um pouco insegura. Havia algumas coisas que eu não queria deixar. Coisas pequenas, coisas minhas. Pequenas, mas minhas. Eu cheguei quase a falar com ele, mas depois eu achei melhor não. Depois eu pensei um pouco mais e deixei de me importar. Estar aqui, estar lá. Não era tão diferente. E depois, quem sabe? Talvez eu encontrasse, lá, coisas que também viessem a se tornar minhas. Não tinha tanta importância. Nada do que era realmente importante ia mudar. Há coisas na alma humana que nunca vão poder ser mudadas, ou destruídas,. Essa nada pode tocar. Nada pode atingir.

SVENN: E então, Anna, parecia que tudo estava perdido para sempre. Não se encontrava mais anda pela cidade e pelos caminhos. Tudo o que tinha sido guardado, tudo o que tinha sido tão duramente preservado parecia sumir, desvanecer-se. Era como se nunca tivesse acontecido nada. Não era como se tudo estivesse desabado, mas como lentamente, noite a noite, um pouquinho estivesse sendo tirado. E pouco a pouco, grão por grão, tudo se tornava ameaça, escuridão, discórdia. Ninguém mais se reconhecia, ninguém mais se procurava. Tudo perdia o brilho, e se tornava vago, incerto, sem sentido. Não surgia nada que parecesse trazer um novo alento, um novo sopro na vida, um novo ânimo. Era tudo parado; sem mudança; sem movimento. Eu não esperava mais nada. Como se o ciclo já estivesse completo, e não houvesse mais nada a fazer a não ser acabar. Não havia nenhuma estrela nova no céu, e na terra, as raízes continuavam sempre as mesmas. Ninguém mais falava de Aníbal Rostogol. Talvez também ele tivesse ido embora, morrido com tudo o que era importante na cidade, e que trazia à vida todo o seu sentido. Talvez também ele tivesse morrido, e não havia voz que pudesse culpá-lo. E era o fim, era o fim. Se a cidade não guardava mais nada dentro de si, não havia nenhuma razão para que continuasse a existir, ou que alguém lutasse por ela. Não havia mais nada a ser defendido. Era como se tudo fosse, para sempre, se fechar. Ainda estava por vir o último dos grandes ataques.

ANNA: Às vezes eu me pergunto se Sven gosta realmente de mim ou se ele só fica comigo para fugir da solidão. Para enganar a sua solidão. O engraçado é que logo depois eu me pergunto se eu gosto realmente dele. Como se eu não soubesse.

SVENN: Tem uma coisa em mim, Anna, que eu acho que nunca vou conseguir tirar. Por mais que eu faça, tudo que eu tento fazer, tudo que eu tente, não consigo tirar isso, purgar isso. Às vezes eu penso que não vai sair nunca, que vai ficar sempre me mordendo dentro do meu peito. E eu tento, você sabe que eu tento. Eu não sei o que é, mas é alguma coisa muito grande e muito sofrida. É como se estivesse me apertando, como se fosse a raiz de alguma coisa que não vai poder nascer nunca. Nem aqui nem em nenhum outro lugar. Tudo o que eu consigo realizar acaba sendo só um caricatura distorcida do que deveria ser. É uma coisa que eu talvez nunca consiga expressar. Por mais que eu cresça, será algo que vai estar sempre, e provavelmente para sempre fora do meu alcance.

ANNA: Eu acho que eu te entendo, Sven. Às vezes eu sinto a mesma coisa. Sven. Você gosta de mim?

SVENN: O que tem dentro é tão grande, e o que sai é tão ridículamente pequeno, que a vontade que eu tenho é de desesperar. E a única coisa que eu consigo fazer é continuar tentando. Continuar. Sabe lá?

O Bolsão Maranhense

BORIS: Alô! Como é? Vamos ou não vamos? Desse jeito a gente não chega nunca nessa porra desse Bolsão Maranhense. Que nome ridículo. Uma vez eu estava tão doente que mal conseguia respirar. Eu me entupi de aspirina para ver se segurava um pouco a dor. Eu estava delirando. Uma noite eu não dormi, isto é, uma das noites em que eu não dormi -foram três ou quatro seguidas- eu estava delirando demais, já não estava mais me entendendo nada. Eu suava frio e me debatia e ficava com os olhos muito abertos procurando alguma coisa para olhar. E racionando as coisas mais incríveis, com a certeza de que nunca ia chegar a nada do meu delírio todo. Aí, de repente, eu cheguei a uma conclusão. Parei, consegui contar até dez, me levantei e fiquei em pé no meio do quarto enrolado no lençol, firmei o corpo e declarei solenemente, em alto som: "Quando afundar eu pulo."

SVENN: Eu tenho a impressão, Boris...

BORIS: E eu tenho a certeza.

SVENN: Hein?

BORIS: Não, é que quando você tem a impressão eu geralmente já tenho a certeza.

SVENN: Ah, mas eu tenho a impressão que não se limpam mais as ruas.

BORIS: Ah, isso é bem provável.

SVENN: Mas de verdade. Tem cada vez mais areia e poeira e fumaça. As ruas andam muito sujas, o chão, a calçada. Em todo lugar. Eu sempre chego em casa com o rosto pegajoso, os cabelos nos olhos, que parecem cheios de terra, as roupas sujas e cheirando mal. A própria água com que se toma banho já não é mais o que era antes. Eu acho que eles nem se preocupam mais em limpar nada. Já nem se preocupa mais em manter as aparências. Como se já fosse inútil, sabe? Como se já estivessem esperando acabar. Já não adianta mais limpar, deixa assim que um dia vai ter tanta sujeira, mas uma tal quantidade de sujeira que não vai se poder nem mais andar na rua. Talvez aí alguém repare que alguma coisa deve ter dado errado. Talvez quando as pessoas não puderem mais andar na rua elas comecem a se perguntar como é que chegou a isso. Como é que elas deixaram que chegasse a isso. Mas aí já vai ser tarde demais.

BORIS: Vamos embora, Sven.

SVEN: Nós vamos, Boris. Nós já estamos indo.

ANNA: Eu sentia um pouco de vergonha. Eu tinha vergonha de dizer as coisas. Eles conversaram, e eu via, eu sentia que eles estavam esquecendo alguma coisa, que eles estavam deixando de pensar em alguma coisa. Eu não poderia dizer o que, mas eu tinha quase certeza de que se eu falasse eles também iriam perceber. Mas eu tinha vergonha, e não dizia nada. Eu acho que eu tinha medo de atrapalhar, eu achava que ia estar estragando alguma coisa. Depois eu me arrependia, e jurava que da próxima vez que eu sentisse a mesma coisa eu ia falar, de qualquer jeito, sem me preocupar com mais nada. Mas eu nunca falava. Eu nunca tinha coragem. Eu sempre tinha vergonha. Eu me desculpava dizendo que se fosse alguma coisa verdadeiramente importante iria aparecer, mais cedo ou mais tarde. Eu achava que a coisa poderia se resolver tudo sozinha, sem eu ter que forçar nenhuma decisão. Sem eu ter que tomar nenhuma decisão. Era bem mais fácil para mim acreditar em Sven do que tentar fazer alguma coisa importante por mim mesma.

SVENN: O que é que você acha?

BORIS: Não sei. Eu acho que a gente pode tentar.

SVENN: Você quer que eu explique de novo?

BORIS: Não, não. Eu entendi bem.

SVENN: Mas...

BORIS: Mas o que?

SVENN: Não sei. Você está com cara de "mas."

BORIS: É. Não está me convencendo.

SVENN: O que?

BORIS: Não sei, homem! Deixa eu pensar!

SVENN: Você acha que do jeito que eu falei antes era melhor?

BORIS: Não ei... Talvez não. É como você disse agora. Mas ainda é tudo.

SVENN: Eu sei. O que é que falta?

BORIS: É. Está faltando.

SVENN: Escuta, vamos fazer assim mesmo. Se não der certo, quer dizer, se chegar num ponto que não tiver mais saída a gente vai ver o que é que estava errado. Se tinha mesmo alguma coisa errada.

BORIS: É. Eu acho que a gente pode tentar.

SVENN: Certo, Anna?

ANNA: O que vocês disserem.

SVENN: Numa das minhas bibliotecas, quando eu estava procurando essas coisas todas, aconteceu um negócio interessante. Eu estava enterrado no meio de um daquelas salas perdidas e esquecidas longe de qualquer coisa e pelo livros que eu estava encontrando e pela experiência que eu já tinha desse tipo de lugar eu achei que deveria haver ainda outra sala por ali embora a que eu estava parecesse realmente ser a última. Eu voltei umas salas atrás para me informar e encontrei um velhinho, o que tinha me recebido em cima, na recepção perto da rua, e tinha me pedido para assinar o livro de frequentadores, como que para provar a alguém que realmente ainda entrava gente lá, que os livros ainda tinham alguma utilidade, como se para pedir que ainda não destruíssem aquilo tudo, que deixassem ainda mais um pouco. Mas eu encontrei o velhinho na outra sala, me perguntei o que é que ele estava fazendo lá se ele não devia estar em cima, recebendo quem entrasse pedindo para assinar, e perguntei a ele se por acaso não haveria mais uma sala depois do número não sei quanto, que é que eu estava antes. Ele ficou meio surpreso, até meio envergonhado de eu tê-lo encontrado lá, como se ele estivesse me seguindo, me vigiando; enfim, fazendo alguma coisa que eu talvez achasse que ele não deveria estar fazendo. Ele ficou bastante sem jeito e me respondeu duramente que não, e já ia me virando as costas. Aí eu expliquei para ele porque é que eu achava, se ele tinha certeza e se ele não poderia olhar um catálogo, não sei, algum coisa assim. Mas não havia jeito. Não tinha outra sala porque ele não queria que tivesse. Eu voltei para a minha, então, para procurar sozinho, mas ele veio comigo e ficou lá o tempo todo me olhando, me vigiando, até que eu não agüentei mais e fui embora. Da porta da rua eu olhei para dentro de novo e ele estava lá sentado na mesinha, e sorria para mim. Na rua eu entendi. Havia outra sala, e nesta sala havia alguma coisa, mas ele nunca ia me deixar entrar lá. Ele também estava procurando.

BORIS: Anna!

ANNA: O que?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

O Bolsão Maranhense

BORIS: Chame Sven.

ANNA: Sven!

SVENN: O que?

ANNA: Boris está chamando.

SVENN: O que é?

BORIS: Olha.

BORIS: Eu só queria ser deixado em paz. Que mania de querer sempre defender alguma coisa. E defender o que? Um negócio que ele encontrou debaixo da terra e que nem tem certeza se existe. É realmente o que se faz de melhor no gênero santidade. E não é que o sujeito consegue arrastar a mulher dele, e mais eu, nessa história e ainda por cima consegue que a gente acredite na coisa também? Eu devo estar ficando um pouco menos criterioso. Eu devo estar perdendo a minha capacidade de julgamento. Quando é que eu ia me meter numa história dessas? Isso é loucura, é desespero. Houve um tempo em que eu precisava de muito pouco para saber a verdade sobre mim mesmo. Muito menos do que isso tudo. É verdade que eu não andava nunca fase muito boa quando eu encontrei Sven, mas também não precisava tanto. Ou talvez precisasse, sei lá. Eu sei que eu vim. Eu não sei em que ponto eu estava, se eu estava ruim, ou pior do que eu pensava. Mas de qualquer maneira eu sentia como se alguma coisa meio idiota fosse acontecer. E quem sou eu para não ir lá ver o que é que era? Não adianta. Eu sempre acabo indo mesmo. Uma vez eu estava subindo pela escada -não tinha elevador- e cruzei com um sujeito descendo. O sujeito descia com uma convicção tal que eu desci também. Quando eu cheguei na rua eu falei o que é que eu estou fazendo aqui. Mas não subi de novo. Já não tinha mais graça. Que mania de seguir todas as pistas para ver se um dia alguma delas dá em algum lugar. Que não deve dar em nada eu sei, pelo menos para mim, mas isso não faz diferença nenhuma. Eu sigo todas. Sabe lá? Um dia talvez eu me convença de alguma coisa. Mas isso ainda vai demorar.

ANNA: Era tudo igual. De noite, da minha janela, as estrelas estavam sempre no mesmo lugar. Nada acontecia. E eu achava que ia mexer, que ia sacudir. Eu queria que mexesse, que sacudisse. Mas não. Nada. Ficava tudo igual. Era como se lá, entre elas, já estivesse tudo certo. Já tudo tivesse o seu lugar, e não houvesse mais nenhuma necessidade de mudança. Já estivesse pronto. Como um túmulo. Eu queria aquele silêncio, e ao mesmo tempo fugia daquela solidão. Não era um estado definido, era como que a espera de alguma coisa que não fosse acontecer nunca. E isso eu não queria. Disso eu tinha medo. Porque eu achava que devia, que precisava acontecer alguma coisa, nem que fosse só para dar um sentido a todas as outras. Depois eu me cansava de ficar lá e voltava a me deitar. Eu ficava observando Sven que respirava, lentamente, do meu lado e pensava como era com que ele [TRECHO ILEGÍVEL] LÁ. Eu tinha vontade de tocá-lo com a minha mão, mas eu tinha medo que ele acordasse. Então às vezes eu o tocava de leve, às vezes eu ficava só olhando para ele. Meus pensamentos iam ficando cada vez mais lentos, mais confusos, mais espaçados e eu me perdia, sentindo a sua respiração, a minha, até que pouco a pouco, calmamente, eu adormecia.

SVENN: Eu acordava de manhã e dizia: hoje eu vou mudar o mundo. Eu me deitava de noite dizendo: amanhã eu vou mudar o mundo. E nada acontecia. Quando eu comecei a não conseguir mais dormir, eu fui realmente procurar alguma coisa. Hoje eu estou aqui.

BORIS: Preocupada, Anna?

ANNA: Não, não. Estava pensando.

BORIS: Tudo indo bem, não é?

ANNA: É. Não é isso que me preocupa.

BORIS: Alguma coisa errada?

ANNA: Não. É engraçado quando a gente se lembra de coisas que fez, ou fazia. A gente não se reconhece mais. Não entende mais os próprios motivos. É como se fosse outra pessoa. Inteiramente diferente. De um certo modo é isso. Sabe? É outra pessoa.

BORIS: É. Eu sei.

SVENN: Ah, Boris; o mapa está com você?

BORIS: Não, eu te devolvi.

SVENN: Ah é? Tem certeza?

BORIS: Tenho. Eu posso olhar, mas eu tenho certeza de ter de devolvido.

SVENN: Não, pode deixar então. Eu vou procurar melhor.

ANNA: Eu achava bonito o que a gente estava fazendo. Eu achava bonito. Só isso. Muito bonito.

SVENN: Eu pensava que podia ser diferente, mas eu nunca tinha ido realmente procurar. Eu achava, porque eu tinha umas idéias meio românticas na cabeça, porque eu me recusava a perder as minhas ilusões, os meus ideais de nobreza, de docência, de dignidade humana. Eu procurava. Qualquer pequeno sinal que aparecesse, qualquer coisinha, eu me jogava nela inteiro, eu dava a essa esperança todas as cores dos meus sonhos, e me sentia capaz de ir até o fim do mundo só para defender essas certezas que eu tinha encontrado. Certezas que para mim se tornavam verdades, e que algum tempo depois, às vezes muito pouco tempo, já não tinham verdades, e que algum tempo depois, às vezes muito pouco tempo, já não tinham mais sentido nenhum. Mas eu recomeçava. E todas as decepções e todas as causas perdidas da minha vida não conseguiram me ensinar a desesperar. Eu procurava cada vez mais fundo, e estava decidido a ver o que é que tinha dentro, embora eu nunca soubesse exatamente dentro de que. Eu achava que o mundo estava me escondendo alguma coisa, que só iria me entregar quando eu estivesse realmente preparado. E eu sabia que isso só dependia de mim. Da minha coragem; do meu medo. Mas eu sentia, eu sabia que estava cada vez mais perto de realmente encontrar alguma coisa. Agora eu já estava procurando, e de verdade. Então me apareceu esta história, e mais uma vez eu comecei tudo de novo. Eu tive a certeza de que era no Bolsão Maranhense que o mundo estava me escondendo todos os seus segredos mais antigos, a razão de todos os nossos embates, todas as nossas misérias, toda a nossa caminhada em direção a um amanhecer que trouxesse, em suas cores, uma luz diferente. Então eu tive tempo para pensar. Então eu tive realmente tempo para pensar, e entender uma porção de coisas. Eu estava entrando de novo num processo que eu já conhecia de cor, mas desta vez não achava que terminaria como sempre tinha terminado. Esta história parecia diferente. Desta vez parecia, mais que das outras, ser realmente de verdade. Tanto que eu comecei calmo, eu não joguei nela, desde o primeiro dia, as minhas fantasias. Não que eu estivesse fugindo, pelo contrário, era como se eu estivesse me encontrado. Eu entendi que não se pode partir dos seus ideais, mas sim tentar conseguir chegar a eles. Se ainda não consegui chegar a tudo o que você esperava, quem sabe a própria chega um pouco mais perto? Não encher a coisa que se encontra de fantasias, e depois culpá-la por não ter conseguido realizar os seus sonhos. A culpa é sua, de ver seus sonhos em qualquer lugar, e raramente num lugar que possa realmente contê-los. Não partir dos seus ideais, mas sim tentar conseguir chegar a eles. Só

O Bolsão Maranhense

então eles se tornarão verdadeiros. Quando enfim o Bolsão Maranhense não me deu nada, ele já tinha me dado tudo. E como eu demorei a entender isso. Como eu demorei a entender o que era, realmente, o último núcleo de resistência.

ANNA: No fundo era uma grande história de amor. Eu sempre gostei muito de história de amor. Como ia acabar eu não sabia, mas de uma maneira ou de outra eu sabia que ia acabar bem. Porque o essencial para mim, sempre esteve lá. Eu amava Sven. E eu achava que em cima disso tudo acabaria por encontrar o seu lugar. Eu não sabia se ele sabia disso ou se isto tinha alguma importância para ele. Mas para mim, sempre foi apenas isso: uma grande história de amor. Amor por palavras esquecidas e por tesouros enterrados, amor por tudo o que os homens trazem no seu coração e julgam digno de ser preservado. Amor pela vida. Nós estávamos começando a descobrir que existiam coisas que mereciam ser respeitadas. E nós passamos por muito para conseguir chegar a isso.

BORIS: Havia momentos em que eu não sabia muito bem o que é que eu estava fazendo ali, quando havia tantas outras coisas por serem feitas em tantos outros lugares e que às vezes me pareciam, de certa maneira, mais urgentes. Depois eu pensava: tudo tem seu tempo e tanto faz esta como qualquer outra. Depois eu via que não, não era a mesma coisa. Era esta. Porque tinha que ser. Só podia ser esta. Eu não via porque nem no que ia dar. Era uma coisa que tinha que ser resolvida. Senão nós nunca iríamos conseguir fazer mais nada. Então nós fomos até o fim.

ANNA: Ainda falta muito?

BORIS: Não, eu acho que nós devemos estar quase chegando.

ANNA: Ah, que bom. Eu já estou cansada.

SVENN: Eu sei, Anna. Todos estamos. Mas nós estamos quase chegando. Não falta muito.

BORIS: Você costuma mudar muito de opinião?

SVENN: Eu nunca fui muito de dar opinião. Me cansava ouvir as pessoas, como me cansava falar com elas. Eu preferia procurar as minhas coisas, e agir de acordo com o que eu encontrasse.

BORIS: Eu não. Eu sempre andava atrás de montes de coisas ao mesmo tempo, e pulava de um para a outra. No fundo eu devia estar procurando sempre a mesma coisa. Como você. Como todo mundo.

SVENN: Eu demorei a descobrir o que eu queria. Eu só me arrisquei realmente quando descobri exatamente o que eu queria. Mas aí eu fui o mesmo. Inteiro. Antes eu não me interessava. Antes eu deixava tudo pela metade. Não havia nada que eu acreditasse o bastante para me entregar.

ANNA: Eu já tinha perdido tudo. Eu não tinha mais anda. Só assim eu pude entender completamente tudo o que aconteceu depois.

ANNA: Cansado, Boris?

BORIS: Um pouco de sono, sim.

ANNA: Está precisando de alguma coisa?

BORIS: Não, nada de especial. Eu acho que está tudo bem.

ANNA: Um pouco de café?

BORIS: Tem, ou tem que fazer?

ANNA: Eu faço.

BORIS: Não, não. Não precisa.

ANNA: Eu faço num instante, não tem problema.

BORIS: Não, não precisa, Anna. Muito obrigado.

ANNA: De verdade?

BORIS: De verdade.

ANNA: Mesmo?

BORIS: Mesmo.

ANNA: Bom, eu vou então. Tem certeza que não quer nada? Café?

BORIS: Não, Anna. Muito obrigado.

ANNA: Boa noite.

BORIS: Anna. Por favor, peça a Sven para não se aborrecer. O que eu disse não leve a sério.

ANNA: Eu sei, Boris. Ele sabe. Não se preocupe com isso.

BORIS: Mas fale com ele.

ANNA: Pode deixar, Boris. Dorme em paz. Boa noite.

ANNA: Boa noite, Anna. Muito obrigado.

BORIS: Eu já nem sabia mais para que, mas eu estava lá. Firme. Acontecesse o que acontecesse, mas qualquer coisa, eu nunca ia desistir. Eu já tinha ido longe demais, eu já estava falando de coisas inteiramente diferentes. Eu conheci muita gente. Eu conheci gente demais que não tinha nada dentro dos olhos para não achar que existe alguma coisa que deveria estar dentro daqueles olhos e não estava mais. Eu passava os dias na rua, procurando feito um louco. Era muito difícil de se entender o que é que estava acontecendo. Um dia eu esbarrei num sujeito cheio de livros que tinha tudo lá, dentro dos olhos. Não tinha saída. Hoje eu estou com ele num lugar chamado Bolsão Maranhense, por acusa de um outro sujeito que eu não me lembro o nome, e por causa de um negócio que se chama o último núcleo de resistência. Tem gente que acredita em qualquer coisa.

SVENN: Eu tenho a intenção de chegar lá.

BORIS: Você está é desesperado, e está se agarrando na primeira coisa que aparece na sua frente.

SVENN: Pelo contrário, Boris. Eu nunca tive tanta certeza de estar encontrando alguma coisa. Alguma coisa de realmente importante, pela primeira vez na minha vida. Eu já procurei demais para não saber que eu tenho de ir com você. Mas eu acho, eu continuo achando que isso não vai dar em nada.

SVENN: Então por que é que você vai?

BORIS: Porque eu não tenho certeza.

BORIS: Eu ia para o Bolsão Maranhense nem que fosse só para provar que ele não ia encontrar lá. Eu detesto gente que se entrega. Olhando o mundo do jeito que ele está, e com todas as coisas que acontecem, o sujeito ainda, ainda acredita que em algum lugar os seus ideais estão guardados, intactos, limpos, esperando por ele, acreditar que os homens ainda são capazes de respeitar alguma coisa, o sujeito ainda tem a indecência, a coragem, o despudor de

O Bolsão Maranhense

falar em honra e dignidade em relação aos homens é loucura completa. Loucura! Mas era tão bonito, tão desgraçadamente bonito que eu tinha de ir com ele. Não tinha mais nada. Realmente. Era largar tudo e seguir aquele louco para qualquer lugar que ele fosse. E cuidar dele até no canto mais perdido da terra, porque ele, e tudo o que ele acreditava, merecia existir, e ser respeitado.

BORIS: Eu me sinto muito mal. Eu me sinto perdido, confuso, inútil.

ANNA: Eu estou com você, Sven. Eu vou te ajudar a conseguir tudo o que você quiser.

SVENN: Eu sei, Anna. É por isso que eu ainda tenho força de conseguir querer alguma coisa. Do jeito que o mundo está, não há nenhum lugar aonde a gente possa se sentir em casa.

ANNA: Eu estou começando a pensar tudo, a entender tudo de maneira diferente agora, Sven. Eu ando na rua de outro jeito, e não olho as pessoas como eu olhava antes. Eu sinto que não é isso que tem importância. Eu sinto que no fundo daquilo tudo existe alguma coisa muito maior, muito mais limpa que nunca vai poder sumir, ou ser destruída. Aí então me dá vontade de me perder de você, ir procurar isso tudo, para quando chegarmos lá segurar isso, bem perto da gente, bem perto do coração para que não se perca um sentido.

SVENN: E então, Anna, veio o último dos grandes ataques, que destruiu toda a cidade. E não surgiu Aníbal Rostogol, e não surgiu nenhum núcleo de resistência. A cidade caiu, com todo o vazio que trazia dentro dela. Com todas as suas promessas esquecidas, suas ruínas estéreis, seus campos aonde nada mais iria crescer. O silêncio e a desolação tomaram o lugar dos homens, sem que se sentisse realmente alguma mudança. Fora destruída uma cidade vazia, e morta, e tomaram o seu lugar o vazio e a morte. O silêncio das manhãs continuava o mesmo, e a solidão das noites não tinha mudado. O último dos grandes ataques foca calmo, sem tambores nem comandantes, sem vitórias nem medalhas. Era poderoso, e não existia nada que pudesse se opor a ele. Mas toda essa força era inútil contra uma cidade que não resistia, que só estava em pé a espera de tombar. E tombou silenciosa, sem glória, fazendo o próprio ataque perder o sentido. Então eu não consegui mais entender. Era isso, então, o último dos grandes ataques? E depois, lentamente, eu fui compreendendo. Aníbal Rostogol tinha, pouco a pouco, destruído tudo. Era a única maneira que ele pode encontrar de preservar alguma coisa. Estaria todo intacto, protegido, e salvo, para quem viesse procurar. E Aníbal Rostogol enterrou o seu tesouro. Aquele velho, naquela biblioteca. Sabia disso. Não havia nada naquela sala. A história não acabou. O último núcleo de resistência somos nós, que sabemos disso. Só nós. Não ser que apareça mais alguém.

ANNA: Eu em sentia bem sabendo que desta vez nós poderíamos encontrar alguma coisa. Eu dormia bem, e de manhã, Sven me dizia que eu estava sorrindo enquanto dormia, e que era muito bonito. Eu o amava muito.

SVENN: Boris, o mapa!

BORIS: Está aqui, homem. Não grite.

SVENN: Eu já passei por muitas coisas na minha vida. Eu já agüentei muitas coisas na minha vida. Eu já suportei a solidão, e eu amo tanto Anna que às vezes se torna muito difícil para mim. Eu acho que eu seria até capaz de ficar sozinho de novo. Às vezes eu me sinto um pouco perdido, um pouco indeciso. Eu já suportei muitas coisas na minha vida, e eu acho que ainda posso suportar muitas outras. Mas eu preferia me sentir em casa.

BORIS: Eu não tinha a mínima idéia do que é que ia fazer depois. Eu não tinha a mínima idéia de que eu ia fazer antes. Eu tinha uma certa idéia do que é que eu estava fazendo no

momento. Isso eu geralmente consigo manter. Não que tenha alguma importância, e não sou eu que vou dizer aqui o que é que tem importância porque eu não sei. Eu não entendo nada disso. Mas eu acho que se os homens já conseguiram chegar até aqui eles são bem capazes de ir mais longe. E eu quero estar lá. E em dependendo de mim eu vou estar lá. Para que? Para ver o que é que tem dentro. É provável que não tenha anda, mas eu não tenho certeza. E enquanto eu não tiver certeza, enquanto eu não me convencer disso ou de qualquer outra coisa eu queria estar lá para ver. Sei lá. Um dia eu dou com a cabeça em alguma coisa e vou dormir tranqüilo. No céu, talvez. Eu sei que eu não tenho a mínima intenção de desistir. Não sei o que eu vou fazer depois, não sei o que eu fiz antes. Mas tenho um acerta idéia do que eu estou fazendo agora. Quem? Eu? Boris. Boris Tchaikvosky.

Dezembro 72, Janeiro e Fevereiro 73

MIGUEL ONIGA

O Bolsão Maranhense